



A história de Gabriel Costa Neto

Bianca Pereira | Caroline Luz | Janaína Tavares | Sandra Prata



A história de Gabriel Costa Neto

Bianca Pereira | Caroline Luz | Janaina Tavares | Sandra Prata

Este livro é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A história do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto por meio de um livro-reportagem", apresentado à Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), no segundo semestre de 2019.

Produção: Bianca Pereira e Janaina Tavares

Redação: Caroline Luz e Sandra Prata

Edição e revisão de texto: Fabiana Alves e Sandra Prata

Projeto gráfico e diagramação: Paulo de Souza Carneiro

Capa: Vinícius Tadioto de Gouvêa

Fotografias: Acervo pessoal da família Costa

Supervisão: Fabiana Alves

É proibida a reprodução parcial ou total da obra sem a anuência das autoras.

V426q Veias que pulsam / Fabiana Aline Alves organizador ; Bianca Pereira dos Santos ... [et al.]. --1. ed. -- Presidente Prudente : Unoeste – Universidade do Oeste Paulista, 2019.
172 p.: il. ; 21 cm.

Bibliografia.
ISBN 978-85-9492-057-7

1. Médico – Biografia. 2. Costa Neto, Gabriel, 1919-2010.
I. Santos, Bianca Pereira dos. II. Luz, Caroline Moura da Silva. III. Costa, Janaina Maria Tavares da. IV. Prata, Sandra Cristina Leite.
V. Título.

CDD –920.02 \ 23ª ed.

Catálogo na publicação: Jakeline Margaret de Queiroz Ortega
– CRB 8/6246

Sumário

Apresentação	7
Prefácio	13
Muzambinho	18
Em terras inimigas	28
A aprovação	38
A garota da Gávea	46
O Dr. Costa Neto	70
Um homem de negócios	84
Uma nova vida	108
Aquele Carnaval	118
Não parar	138
O legado	146
Epílogo	155
Referências	163
Sobre as autoras	169

Apresentação

“**N**asceu em minhas mãos!” Quantas vezes eu o ouvi dizer isso. Ao menos, os mais de 5.000 que ele contou, até que deixou de contar...Foram tantas vidas que vieram ao mundo por aquelas mãos! Mãos de alguém que me fez entender o que é ser vocacionado. Nasceu com um propósito. Ele também me fez entender que não é apenas o dom que torna o profissional alguém competente, mas a dedicação, a paciência e até mesmo a devoção. Ele nunca esperou que o conhecimento caísse do céu! Ele estudou muito, dedicou-se muito, passou noites e noites sem dormir. Ajudou colegas, ensinou quem queria aprender e teve humildade para aprender com quem podia guiá-lo. Sempre admirou quem tinha força de vontade, até porque, ele sempre fora o maior exemplo de garra e determinação.

A medicina era para ele um sonho. Na realidade de seu ginásio, um sonho bastante distante. Em um momento de crise financeira de sua família, não

titubeou ao insistir que queria ir a São Paulo fazer o pré-salada e tentar entrar na concorrida e conceituada Escola Paulista de Medicina (EPM). Vendo sua determinação, seu pai juntou o suficiente para lhe comprar uma passagem só de ida para a capital paulista. Sob o teto de sua tia, começou os estudos durante o dia, e o trabalho à noite. Foi aprovado na tão sonhada faculdade, que não era pública e nem barata. Já no segundo ano, surgiu a oportunidade de ser transferido para a Universidade de São Paulo (USP), pública e também conceituada, mas preferiu continuar a trabalhar e a estudar para receber o diploma de onde sempre sonhara.

Já na formatura, a primeira premiação. Recebeu o prêmio de melhor aluno, um prêmio inédito daquela escola, representando todas as 10 turmas formadas até ali. Aquele foi apenas o primeiro de tantos que viriam por mais de 40 anos dedicados à medicina.

No entanto, não era só o médico que existia ali. Foi também empreendedor. Acreditou em investir no campo. A pecuária foi seu negócio nas fazendas que comprou no Mato Grosso e no Pontal do Paranapanema. Mas depois da medicina, nada dava mais prazer do que os cavalos da raça Mangalarga Marchador. Um, em especial, Topázio. Os filhos chegavam a brincar que aquele era o quinto filho. Por ele, teve seu Ha-

ras, o Haras Topázio, onde criou tantas outras pedras preciosas dos equinos do Oeste Paulista.

Foi um dos fundadores do Recinto de Exposições de Presidente Prudente, e assim movimentou a economia na área rural do município. Foi mesmo um grande desbravador. Não veio para ser mais um.

E prosperar não foi exclusividade de sua vida profissional. Os olhos verdes, cabelos loiros e a delicadeza de Marina Elizabete Lobo Carneiro, uma carioca da gema, pareciam que estavam a esperá-lo. Ele, com seu 1,60 metro, e ela um pouco menos que isso, se conheceram em um casamento de um primo dele com uma irmã dela e nunca mais se deixaram. Após seis anos de namoro, por cartas, ela do Rio de Janeiro e ele, da faculdade de medicina de São Paulo, escolheram Presidente Prudente para formar família. No dia 15 de agosto de 1950, trocaram alianças, e Marina passou a assinar Marina Elizabete Carneiro Costa.

Logo vieram os três primeiros filhos: Mario Luiz, João Luiz e Otávio Luiz. Assim mesmo, seguindo um do outro. E após um intervalo de dez anos do último, foi a vez da chegada da esperada menina, Marininha.

Dos filhos, vieram os netos, onde me incluo e tenho tanto orgulho. Somos em dez, mas desta vez, venceram as mulheres! Sete meninas e três meninos.

Impossível para nós nos esquecermos de tantos natais na casa da avenida Washington Luiz, onde moraram por 40 anos.

Eles nos ensinaram o valor de ter avós, cada um a seu jeito e um sempre completando o outro. Minha família eu formei seguindo o exemplo dos meus avós. Lembro-me como se fosse hoje o brilho do olhar dele, quando ela aparecia pronta para uma festa e ele dizia: “ela não é linda?”. Um amor e um cuidado que foram guardados até os últimos dias, registrados em algumas cartas, que pedia aos filhos que sempre cuidassem da mãe deles. E assim foi feito. Hoje estão lá, juntinhos no céu, olhando por nós! Eu espero que ele esteja feliz de finalmente poder contar ao mundo um pouco do legado que nos deixou!

Hoje eu tenho o privilégio de estar aqui, abrindo seu livro de memórias. Algo que prometi a ele em vida, mas que não pude cumprir a tempo. Foram horas e horas sentada ouvindo e aprendendo com a história de sua vida. Muitas vezes ainda me pego ouvindo aquelas gravações, rindo e chorando.

E o trabalho, que começou por mim em nossas conversas gravadas em 2008, tomou corpo e forma agora, no momento em que ele completaria 100 anos de vida, pelas mãos de quatro aspirantes a jornalistas, minhas queridas alunas: Bianca dos Santos, Caroline

Luz, Janaína Tavares e Sandra Prata, que sonhavam em terminar a faculdade com a redação um livro produzido por elas e aceitaram o desafio de materializar esses dois sonhos. Como professora e coordenadora do curso de Jornalismo, ver a execução de um livro-reportagem por profissionais tão competentes e com a orientação da professora, jornalista e historiadora Fabiana Aline Alves, não poderia nos dar orgulho e satisfação maiores. É mais um produto da Facopp (Faculdade de Comunicação Social da Unoeste), lugar onde me formei e trabalho há mais de dez anos, e, que tem colocado no mercado profissionais e trabalhos que marcam a história e o desenvolvimento regional.

A você, leitor, eu desejo que esta leitura o leve para um passeio ao passado e que o faça querer seguir o exemplo de alguém que sempre quis mudar o futuro! O nosso Gabriel Costa Neto.

Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo,
neta e jornalista

Prefácio

Ter a benção de viver a seu lado, ter a honra de participar deste livro e poder compartilhar de sua vida, seus ideais, é como reviver um pouco de cada dia, cada época da história de Gabriel, meu irmão de longas caminhadas.

Sua imagem é muito mais abrangente do que qualquer palavra que se ouse utilizar, porque Gabriel foi uma pessoa predestinada a especial. Amou o que fez, viveu todas as possibilidades que cada pessoa carrega para desabrochar na vida. Gostava de conversar comigo sobre nossa infância, relembrar sempre fatos, histórias de uma vivência feliz que nossa família sempre nos proporcionou nos velhos tempos de uma infância e juventude.

Sua história nasce na bela e serena fazenda de Minas Gerais, a “Capetinga”, há 100 anos, precisamente no dia 19/11/1919, quando os braços fortes, guerreiros e bondosos da avó América, acolheram dois lindos bebês, um mais forte, foi-lhe dado o nome de João, outro mais frágil, o de Gabriel.

João, segundo os desígnios de Deus, foi levado ao céu. A Gabriel foi reservado o destino de uma longa caminhada evolutiva aqui na terra.

E que linda caminhada...

Ajudou, alegrou cada dia e épocas em sua família de origem, com seu jeito carinhoso, às vezes bem travesso, inteligente, que lhe era tão peculiar. Sua companhia alegre, protetora, possibilitou dias e épocas felizes para as irmãs: Marta, Dida e América, organizando inesquecíveis cavalgadas. Nos finais dos meses, os encontros culturais do colégio, recitando o poema “O Corvo”, para encanto aos ouvidos atentos e ternos de seus pais Orozimbo e Gabriela, professores e colegas.

Mas este menino cresceu e, com uma visão bem clara e inteligente, escolheu seu destino: a medicina. Estudou, enfrentou vários e sérios obstáculos, formou-se batalhando sempre para o que se propôs, com esforço, tenacidade e garra.

Casou-se com Marina, alegrou-se com os filhos Mario, João, Otávio e Marina, que formou e educou com mãos e mente seguras, mas sempre com um coração de ouro. Acompanhou sempre com zelo e carinho o crescimento e a realização de cada neto.

Lembranças de sua família de origem, de sua própria família, e dos amigos, ainda são bem claras e vividas nessas páginas. Este livro é para nós outros, um exemplo de vida e determinação.

Sua irmã, de tão bela caminhada,
América Costa Sandoval



Muzambinho

Eu não vou conseguir, Bieco — disse América.
— Vai sim, irmã. Você precisa olhar para a frente e ficar calma — respondeu Gabriel, a quem a pequena América chamava carinhosamente de Bieco.

— Isso é muito difícil.

— Não é, não.

Em seguida, Bieco deu um impulso na bicicleta da irmã, que saiu pedalando insegura, mas ao mesmo tempo corajosa, pela Rua Santos Dumont, em Muzambinho, interior do sul de Minas Gerais, no começo dos anos 1930. Eles se divertiam em frente ao casarão elegante de dois andares. Eram 44 cômodos e muitas janelas onde moravam com os pais, Gabriela Sant’ana Costa e Orozimbo da Silva Costa, as irmãs, Cândida e Marta, e o avô paterno, a quem foram fazer companhia durante a velhice.

A casa, cartão-postal da cidade, mais parecia uma fortaleza. A chave de cada cômodo possuía uma

medalhinha enumerada para evitar confusões e não dificultar o trabalho das idosas que ajudavam Gabriela a cuidar do local onde o dia começava às 5h da manhã.

De clima tropical, a cidade de invernos secos e verões chuvosos era ladeada por uma paisagem natural, cuja cor predominante era o verde graças à flora da Mata Atlântica. Os habitantes da pequena cidade de Muzambinho, incluindo a família Costa, conheciam, em 1932, um novo tom dessa cor: um verde sem vida e nem um pouco atraente, aquele das vestimentas das tropas paulistas.

* * *

Quando Getúlio Vargas assumiu a Presidência do Brasil de forma provisória em 1930, duas promessas surgiram: eleições seriam convocadas em breve e uma Assembleia Nacional Constituinte seria formada com o objetivo de criar uma nova Constituição. Contudo, dois anos depois, nada tinha saído do papel e Getúlio continuava no poder. Não demorou muito para a revolta da população e de opositores chegarem às ruas. O Estado de São Paulo colocou cerca de 20 mil soldados em combate e contou com a grande ajuda da população para enfrentar sozinho o governo federal, que era apoiado pelos mineiros.

A Revolução Constitucionalista de 1932, em oposição ao poder e governo centralizador de Vargas, ganhava forças e estava prestes a tomar as ruas de Muzambinho. As mesmas ruas onde Gabriel Costa Neto, nome herdado do avô paterno, nascido em 19 de novembro de 1919, então com 13 anos, ensinava a irmã caçula, América, a andar de bicicleta.

* * *

Antes mesmo do nascer do sol, Orozimbo levantou da cama que compartilhava com Gabriela, caminhou até a cozinha e começou a preparar o café da manhã para os filhos e para a esposa. Serviu seis canecas de leite, cortou algumas fatias de queijo e buscou, na Casa do Forno - um espaço no quintal do casarão, em meio às árvores do jardim que eram visitadas por diversos animais - as bolachinhas e biscoitinhos preparados no sábado por Gabriela e as crianças. Esse era um ritual que realizavam todos os finais de semana, enquanto América ficava na frente do casarão dando esmola aos pobres.

Embora Orozimbo fosse o primeiro a acordar, a dona da cozinha era Gabriela. Católica e devota de Nossa Senhora do Carmo, adorava preparar bolos e doces para receber os amigos dos filhos, do marido e até o sacerdote de Muzambinho.

Não demorou muito para todos estarem reunidos ao redor da mesa de madeira utilizada, normalmente, quatro vezes ao dia: no café da manhã; no almoço, servido às 10h; no café da tarde, que incluía a companhia dos amigos da família e das crianças; e no jantar, entre 18h e 19h.

O silêncio da pequena cidade pela manhã não alcançava a casa dos Costa. Essa era a alegria de ter uma família grande. Silêncio nunca existia. Sempre haviam comidas, gargalhadas, desavenças entre os irmãos, mas jamais silêncio. Relembavam a apresentação de Gabriel, que declamou de cor, no cinema da cidade, os 108 versos da poesia O Corvo, escrita pelo poeta americano Edgar Allan Poe. Foi a primeira vez que Gabriel falou em frente à uma multidão, e, quando descobriu, sua facilidade em memorizar.

— Eu pensei que nunca fosse conseguir — disse Gabriel.

— Mas conseguiu, é o que importa — respondeu Orozimbo.

Gabriel tinha olhos castanhos e, quando criança, costumava pentear o cabelo para trás. Fruto de um parto gemelar, seu irmão, João, morrera com um ano de idade por causa de uma meningite. Gabriel cursou o ensino regular no famoso Liceu Municipal Salatiel de Almeida. Ter crescido em uma cidade interiorana com um colégio impediu que o menino fosse

mandado para Belo Horizonte, São Paulo ou para o Rio de Janeiro ainda na sua infância. Ao lado de jovens de toda a região do sul de Minas, aprendia, entre outras disciplinas, matérias como geografia, história, latim, inglês e francês. Nunca foi fluente em nenhuma das línguas estrangeiras. Era um aluno esforçado, mas não o melhor da sala, tinha atitudes levadas. Um dia, o pai precisou raspar o cabelo dele para que a professora não puxasse mais. Não adiantou, os alvos viraram as orelhas vantajosas de Gabriel.

Certo dia, Orozimbo percebeu que alguém batia palmas do lado de fora do casarão. A notícia dos assassinatos em São Paulo chegaram a Muzambinho. A cidade, durante a Revolução de 1930, com a ajuda do jornal “O Muzambinhense”, tinha apoiado a candidatura de Getúlio Vargas e, agora, era um dos alvos das tropas paulistas.

Preocupado com o conflito, Orozimbo ordenou que a esposa e os filhos saíssem da cidade e fossem para a Fazenda Capetinga, propriedade da mãe de Gabriela, América Santana, que cuidava do local sozinha, após a morte do marido, João Evaristo Santana. A esposa recolheu algumas roupas dela e das crianças e arrumou as malas. Orozimbo se comprometeu a ficar para cuidar do casarão e dos dois sítios da família, onde criava gado de leite e produzia café.

Confusas, as crianças ajudavam a mãe. Estavam

assustadas. Gabriel observava os passos e o agito de Gabriela. Ele sabia o que estava acontecendo. Leu no jornal da cidade sobre a fúria dos paulistas contra o governo de Vargas.

— Para onde nós vamos, mamãe? — perguntou Gabriel.

— Vamos para a casa da sua avó, em Carmo do Rio Claro. — respondeu Gabriela.

— O papai vai com a gente?

— Seu pai vai ficar, mas logo estaremos de volta. Logo logo, se Nossa Senhora do Carmo permitir.

Estava na hora de partir. Não sabiam quando seria a hora de voltar. Então, Gabriela, Marta, Gabriel, América e Cândida se despediram de Orozimbo e, juntos, foram para a estação onde embarcariam no trem que os levaria para o refúgio provisório — pelo menos era o que esperavam. Pela primeira vez, a família se despedia do casarão.

* * *

O quartel general da força pública mineira estava concentrado na cidade de Passa Quatro, cerca de 300 quilômetros de Muzambinho. As primeiras tropas a enfrentarem os pracinhas paulistas ocuparam a cidade, especificamente a Estação Manacá, de forma

estratégica, pois o principal meio de comunicação da região era o telégrafo que ela possuía. Por meio dele, as ordens e os planos de ação eram recebidos pelos mineiros.

Um túnel, na Serra da Mantiqueira, que ligava Minas Gerais a São Paulo, agora era um delimitador de território e de ideologias: de um lado, paulistas que defendiam a Assembleia Constituinte; do outro, mineiros defendendo o governo federal. Se um ousasse avançar o território inimigo, munições seriam gastas. Outra grande vantagem da localização da Estação Manacá era seus montes, que foram ocupados pelos soldados mineiros e permitiam uma boa visualização das ações das tropas inimigas.

Dois meses de confronto armado se seguiram. Muitos muzambinhenses se voluntariaram para lutar contra São Paulo. Para a cidade, muitos prisioneiros paulistas, capturados na frente de Guaxupé, foram levados.

A fome, as doenças, as mortes e a falta de recursos bélicos começaram a colocar o conflito em um patamar de questionamento. Os paulistas não tinham mais condições de continuar e o combate chegou ao seu fim em 2 de outubro de 1932, com o Protocolo de Cruzeiro. Getúlio Vargas continuou governando o país por mais 13 anos.

No tempo em que passou na fazenda da avó, Gabriel acordava cedo para tirar leite das vacas, apreciar os bichos que por ali apareciam, escutar o rádio e principalmente andar a cavalo. Estes animais o aproximavam do pai, que costumava arriá-los aos finais de semana e levar o menino e as irmãs para passear nas fazendas; tudo isso enquanto o relógio dava voltas e mais voltas e a saudade aumentava junto com a esperança de voltar a brincar em Muzambinho, rever os amigos da escola, fazer doces e bolachinhas com a mãe e as irmãs na Casa do Forno.

Então, um aguardado telegrama chegou ao seu destino final: a Fazenda Capetinga. O rádio já anunciava a desistência dos paulistas. A família estava há mais de 80 dias longe do lar, mas, como toda espera, a sensação era de um ano, uma eternidade. Gabriela e os filhos só aguardavam aquele sinal do marido, aquela bandeira branca, para retornar a Muzambinho. O momento, enfim, chegara.

— Obrigada, mãe, por nos receber. Deem bença e tchau para a vovó, crianças. — despediu-se Gabriela.

— Vá com Deus, minha filha, que Ele proteja vocês. — disse América à filha, enquanto a abraçava.

— Nas próximas férias estaremos de volta para fazer companhia para a senhora, prometo.

Despediram-se daquele lugar tão especial para todos, daquela casa feita de pedras e mais uma vez embarcaram. Só que dessa vez de volta. Para Gabriel, voltar era empolgante. Era como andar de bicicleta naquelas ruas de paralelepípedos de Muzambinho. Era lindo admirar a paisagem, olhar as pessoas, mas havia um prazer quase secreto em chegar em casa, descer da bicicleta, encostá-la na parede branca, correr para a cozinha e saciar a sede. Ele sabia que a bicicleta não sairia de lá e estaria sempre pronta para mais um passeio, que nunca era apenas mais um passeio, sempre uma nova aventura ao lado dos amigos.

A paz reinava sobre o Estado de Minas Gerais e o retorno ao casarão trouxe tranquilidade à família Costa.



Em terras inimigas

A rotina estava estabelecida novamente: as crianças iam à escola, o pai cuidava das duas fazendas, a mãe fazia seus pães, bolos e doces. Gabriel teve tempo até de liderar um movimento estudantil em 1937. Ele estava no quinto ano ginasial, o último. Getúlio Vargas ainda comandava o país, mas se acreditava que possíveis eleições seriam realizadas. Então, o presidente de São Paulo, Armando de Sales Oliveira, saiu candidato e o governador de Minas na época, Benedito Valadares, lançou o poeta José Américo de Almeida. Os professores do Liceu Municipal de Muzambinho decidiram não apoiar a candidatura do nome mineiro, ficando ao lado de Armando de Sales Oliveira. Quando Benedito ficou sabendo da escolha dos professores, não demorou muito para mandar demitir o reitor Salatiel Almeida, fundador do Liceu que na época possuía 70 anos.

Unidos pela fúria e pela tristeza, dispostos a manter o reitor que tanto fez pela educação muzam-

binhense em seu cargo, os alunos, e entre eles Gabriel, impediram o novo reitor, Sant Clair, professor de Trigonometria e Geometria, de tomar posse. Os jovens chegaram a ser atacados a tiros pelo próprio prefeito da cidade, que morava em frente ao Liceu, na Avenida. Dr. Américo Luz.

O diretor substituto conseguiu tomar posse, mas, poucos dias depois, foi assassinado por outro companheiro de profissão. Em seguida, o colégio fechou e uma companhia militar foi criada no lugar dele. A solução foi terminar o ginásio no prédio do grupo escolar.

Quando concluiu o ensino médio, Gabriel escolheu seu destino e decidiu que seria médico. Possivelmente, a escolha teria se espelhado nos tios que cursaram Medicina, os irmãos do seu pai, Gabriel Costa Filho, que morava no interior de São Paulo, e Joaquim Bernardes Costa. Talvez já soubesse que sua existência não seria possível sem aquela profissão: seria doutor! Em breve, anunciaria sua decisão à família.

Um outro anúncio, entretanto, chegou antes: Orozimbo estava doente. Uma espécie de depressão dominava seu corpo e invadia sua mente. As fazendas foram ficando abandonadas, as plantações de café secas por falta de água e os gados morrendo. A situação financeira começava a ficar cada vez mais pre-

cária. Para economizar, a família resolveu dispensar as duas empregadas que trabalhavam na casa. Não adiantou, tudo piorava, inclusive Orozimbo.

O sonho de Gabriel parecia comprometido, mas resolveu tentar e contou à família sobre seu desejo de ser médico. Compreendia a situação complicada que enfrentavam, mas também sabia que não podia abrir mão do seu futuro e lutaria por ele em nome daqueles que amava. O que salvaria Gabriel seria o convite de uma prima, Margarida, filha de uma irmã de Orozimbo, Ana Cândida Costa Pinto, chamada de Tia Lulu. Margarida o convidou para morar com ela, a mãe e mais três irmãs, Ondina, Nívea e Maria de Lourdes, em São Paulo. Na capital paulista, ele encontraria a oportunidade de se dedicar à conquista de sua profissão.

Quando era jovem, Orozimbo não conseguiu concluir a faculdade de Agronomia. Seus irmãos eram formados. Tudo que possuía herdou do pai quando casou com Gabriela aos 21 anos de idade, e, agora, presenciava o fim de tudo. Apesar das dificuldades, não podia interferir no desejo de seu filho.

Dois filhos ainda precisavam se formar, Gabriel e América. Cândida e Marta já estavam em São Paulo, eram professoras. Um pai, normalmente, faz sacrifícios inimagináveis pelos filhos e sempre com

um sorriso no rosto, apesar das dificuldades. Orozimbo não era diferente. Ele sabia que continuar em Muzambinho era impossível. A solução parecia ser só uma: vender as propriedades, inclusive a elegante casa que moravam e as duas fazendas.

Surpresa e medo. Esses foram os sentimentos que estamparam a face de Gabriela e América quando Orozimbo anunciou que havia comprado uma nova fazenda e vendido as propriedades de Muzambinho. Mudariam para uma cidade chamada Jundiaí. O trauma seria menor se não fosse uma cidade em terras paulistas, mas era. Seriam habitantes do Estado de São Paulo. Viveriam em terras há poucos anos consideradas inimigas. Compartilhariam o solo com as mesmas pessoas das quais haviam fugido na Revolução de 1932 e que tanto caos provocaram ao Estado que eles amavam e haviam nascido.

Isso significava muito para todos. Significava fincar raízes, não ter previsão de retorno. Não ficariam por uma semana, um mês ou dois. Decorariam a casa, conheceriam novas pessoas, aprenderiam um novo dialeto, colocariam gado em outro pasto, plantariam verduras em um chão que não deu origem a nenhum deles, construiriam uma nova vida e, por consequência, um novo futuro.

A chegada em Jundiaí foi estranha. Na cidade, os Costa mantinham uma plantação de uva. As terras do município, antes dominadas pela produção cafeeira, eram boas à fruta, cujas primeiras parreiras foram plantadas por imigrantes italianos que ali chegaram no século XX. Mesmo estando a 260 quilômetros de Muzambinho, ainda não sabiam que nunca mais retornariam à cidade onde viveram tantas emoções e histórias. Apesar de tudo, acreditavam e queriam apenas que Orozimbo melhorasse.

Não foi o que aconteceu. A mudança não surtiu efeitos positivos no corpo de Orozimbo, pelo contrário, ele estava a cada dia mais isolado, imerso em um mundo inacessível. Gabriela e América começaram a se preocupar. Acreditavam que estava na hora de procurar a ajuda de um médico, de preferência algum profissional da família.

Gabriela entrou em contato com o irmão de Orozimbo, Gabriel Filho, e explicou a situação do marido. A sugestão foi uma só: vender as terras em Jundiaí e mudar, mais uma vez. Gabriel Filho gostaria que a família fosse morar na mesma cidade que ele, Presidente Prudente, onde o irmão poderia se tratar. No município do Oeste Paulista também morava o cunhado de Orozimbo, então prefeito e médico da

cidade, Domingos Leonardo Cerávolo. Ele foi casado com Honorina da Silva Costa, irmã caçula de Orozimbo, que faleceu após dar à luz ao seu único filho. O casamento durou apenas o tempo da gestação.

Depois de dois anos, Orozimbo, Gabriela e América se despediram de Jundiaí, enquanto Gabriel continuava na capital do Estado. Eles partiram para Presidente Prudente de carro. Mais uma vez, terras paulistas. Cada vez mais distantes de Minas Gerais, como uma confirmação de que seria apenas uma lembrança, uma parte de suas vidas.

* * *

Localizada no interior do interior de São Paulo, Presidente Prudente tinha mais pastagens do que casas, mas já possuía a fama de ser a maior cidade da chamada Alta Sorocabana. Os efeitos da recessão econômica causada pela Grande Depressão, em 1929, também a alcançaram. As lavouras de café do município, que até então eram o sustento do povo que ali vivia, precisaram ser trocadas pelas de algodão. Uma década depois, o amendoim, o arroz, o milho, o feijão e a batata também se tornaram uma das principais plantações que movimentavam a economia local.

Nesse período, em 1940, quando a família Costa chegou a Presidente Prudente com a intenção de res-

pirar novos ares e cuidar da saúde de Orozimbo, foi surpreendida por uma cidade de quase 13 mil habitantes que possuía cinemas, energia elétrica, jornais, estação ferroviária, terras produtivas e erguia mais uma escola, o colégio I. E. Fernando Costa. Prudente era um local que, mesmo com suas casas simples e ruas de terra, crescia e atraía os olhares e da população das redondezas.

Assim que Orozimbo desceu do carro e já pisou em frente ao sobrado que, a partir daquele momento, chamaria de lar, na Rua Doutor Gurgel.

— Bem-vindo a Presidente Prudente, meu amigo — disse Cerávolo.

— Espero que esse lugar me traga saúde e bons frutos.

— Trará, meu caro. Trará! Você precisa é apanhar a maleta, trabalhar, ocupar a mente. Arrumei um serviço para você na prefeitura da cidade. Você será Chefe do Departamento de Água e Esgoto, trabalhará na Zona Rural, ficará perto do verde das árvores, conhecerá gente nova. Vai te fazer bem. Vamos lá amanhã mesmo. Agora vamos entrar e conhecer a casa!

Orozimbo ficou comovido e agradeceu ao cunhado. Segurou as mãos de Gabriela e de América e, juntos, foram ver o sobrado, bem mais singelo que o casarão em Muzambinho, mas tão cheio de vida quanto.

Com o agito e incertezas da mudança e a doença de Orozimbo, a família precisava que Gabriel ficasse um tempo em Presidente Prudente até as coisas se ajeitarem. O jovem havia partido para São Paulo apenas com o dinheiro da passagem de ida, tudo que o pai pôde lhe dar naquele momento. Vivia com a tia e as primas em um palacete no Jardim Europa. Viúva, tia Lulu herdara uma grande herança do marido, Presciliano Pinto de Oliveira, prefeito de São José do Rio Preto (SP) de 1920 a 1923 e uns dos fundadores da cidade de Araçatuba (SP). Ela foi muito generosa com a família do irmão naquele período tão delicado, sendo praticamente uma mãe para Gabriel, Marta e Cândida.

* * *

Pouco tempo depois da chegada de parte da família Costa em Presidente Prudente, Orozimbo aguardava ansioso o filho na estação da cidade, erguida em 1919, cujo prédio rudimentar, rodeado de palmeiras, possuía uma arquitetura singular e possibilitava o embarque e desembarque de pessoas e gados.

Quando Gabriel chegou sorriu para Orozimbo e observou atentamente a estação ferroviária, a mesma que dera origem ao nome da cidade, uma homenagem ao primeiro governador paulista e ex-presidente do país, Prudente de Moraes.

— Meu filho, como é bom revê-lo. — disse Orozimbo abraçando Gabriel. E antes mesmo de deixá-lo responder qualquer coisa, prometeu que ele logo retornaria para São Paulo.

— Depois que eu melhorar, você só volta aqui com o diploma na mão!

Para ir até Presidente Prudente, Gabriel precisou adiar seu plano de prestar o vestibular que possibilitaria sua entrada na Escola Paulista de Medicina (EPM) naquele ano. Orozimbo sabia o quanto aquilo significava para o filho.

Gabriel compreendia a situação, tinha certeza do que queria, não desistiria, mas também entendia que sua família precisava dele. Ele ficaria o tempo que fosse preciso no interior. Então, abraçando o pai, disse:

— Estou morrendo de saudades do doce de abóbora que a mãe faz.

E seguiram, juntos, para o sobrado, o novo lar da família Costa.



A aprovação

Calor, calor e calor era o que Prudente oferecia de melhor. À noite, Gabriel dormia de janelas abertas por causa da temperatura da cidade. Os graus célsius que apontavam o termômetro, em 1941, já eram desconfortantes mesmo que não tanto quanto atualmente. O que o acalmava era saber que o emprego na prefeitura realmente ressuscitara seu pai, o que significava que logo poderia retornar a São Paulo.

A doença de Orozimbo transformou completamente a situação financeira da família. Os primeiros anos na capital paulista não foram fáceis para o jovem. Gabriel morava de favor na casa de sua tia Lulu, enquanto estudava o pré-salada, ou seja, fazia o pré-vestibular ao lado dos estudantes que batalhavam para entrar em outros cursos. Ele continuava com o desejo de cursar Medicina. Era uma espécie de compromisso, um noivado, que ele tinha selado e ansiava por torná-lo um casamento.

Mal parava em casa. Gabriel nem tinha entrado na faculdade ainda, mas já trabalhava e guardava dinheiro para as possíveis mensalidades, dando aulas particulares para alunos do curso secundário. Adorava visitar a Confeitaria Vienense, onde senhores e senhoras, entre pianos e violinos, tomavam seu chá das cinco. Situada no primeiro andar de um prédio da Rua Barão de Itapetininga, no Centro da grande São Paulo, de estilo europeu e frequentada por figurões da sociedade paulista, era lá onde Gabriel sentava, na correria diária de um jovem que trabalha e almeja entrar no ensino superior, e realizava sua única refeição do dia: um prato feito e um copo de leite mantinham o jovem de pé até o final das obrigações diárias.

Entre o cinza de São Paulo, os bondinhos que iam e vinham e os rostos desconhecidos, no tempo em que esteve na capital, Gabriel descobriu que sonhos exigiam mais do que vontade, exigem paciência e garra, qualidades que ele tinha de sobra.

* * *

Enfim, depois de um ano, Gabriel embarcou novamente em um trem, dessa vez de volta à terra da garoa. Voltaria a dormir de janelas fechadas. A irmã América voltava com ele para São Paulo, a fim de ini-

ciar o curso superior e ser tornar assistente social, profissão escolhida por indicação do próprio irmão. Da sua residência fixa em Prudente, aquela que sempre poderia retornar e onde estavam as pessoas que davam sentido à sua existência, o jovem Gabriel carregou consigo a gratidão nos olhos do pai e o sorriso reconfortante de sua mãe. Idêntico ao que presenciou, 10 anos atrás, quando souberam que os soldados haviam deixado Muzambinho e poderiam, enfim, retornar ao casarão.

* * *

O relógio na casa da Tia Lulu despertava às 7h da manhã. Gabriel levantava da cama, calçava os chinelos, ia até o banheiro, lavava o rosto e escovava os dentes. Não hesitava em começar o dia. Depois, tomava café da manhã com a tia, as primas Ondina, Nívea, Maria de Lourdes e Margarida e, agora, a irmã América. Todos juntos, à mesa. Era o momento ideal para compartilharem acontecimentos e notícias da família.

Era 1940, muita coisa aconteceu naquela década. Era a década do salário-mínimo; da Segunda Grande Guerra; do primeiro computador; do comunismo e do Plano Marshall; de Ava Gardner e do ci-

nema hollywoodiano; de Carmem Miranda cantando Dorival Caymmi; de São Paulo ganhar o Masp e a Cinelândia; do cinema presentear o mundo com Casablanca e Cidadão Kane; de ouvir Aquarela do Brasil e se emocionar; era a década em que nascia o futuro Rei do Futebol.

Depois, ele retornava ao seu quarto, pegava algum dos poucos livros que tinha embaixo da cama, folheava algumas páginas e aprendia uma nova palavra ou o nome de algum personagem notório da história mundial. Às 11h, saía para o cursinho. “Um ano, só mais um ano.” Era esse o abismo que o separava da sua grande realização. Um ano, apenas um ano.

Gabriel tinha medo do ócio. Tinha medo da monotonia, da paz, do sossego. Passados dez meses que tinha voltado e recomeçado o último ano do cursinho pré-salada, chegou, enfim, o momento de descobrir se todos os esforços foram úteis.

Quando chegou à porta da sala do cursinho, Gabriel começou a deslizar o dedo na lista de aprovados no vestibular elaborada em ordem alfabética. Entre tantos encontrou o próprio nome na lista de aprovados do vestibular de Medicina da Escola Paulista de Medicina (EPM). Entre os 120 candidatos e 80 vagas, apenas 60 foram classificados e Gabriel Costa Neto era um deles.

Criada em 23 de março de 1933, a EPM foi fundada por 33 jovens, os “nomes mais expressivos da sociedade paulistana”, conforme noticiou o periódico carioca *Jornal do Brasil*. Cerca de 31 médicos e dois engenheiros, carregados de ideais e pioneirismo, foram responsáveis pela construção da EPM.

Era a 11ª faculdade de medicina a ser criada no país desde 1808, ano em que D. João VI fundou a Escola de Cirurgia do Hospital Militar da Bahia, em 18 de fevereiro, e também a Escola de Cirurgia e Medicina do Hospital Militar do Rio de Janeiro, em 5 de novembro. Era por uma oportunidade de sentar naquelas cadeiras de madeira e aprender com cientistas de grande expressão nacional e mundial, que acreditavam em uma medicina inovadora e capaz de ir além, que Gabriel existia.

A vontade de estar com a família, de compartilhar com o pai e com a mãe a sua conquista foi inevitável. Queria correr para casa e abraçá-los, comer algum doce preparado por Gabriela, enquanto comemoravam a aprovação dele no vestibular, mas não podia. Chegando à casa da Tia Lulu, escreveu imediatamente uma carta, que não sabia quando seria entregue em Presidente Prudente, mas que era sua única forma de dar a notícia, expressar sua gratidão e pedir para que continuassem torcendo por ele.

Era a hora de demonstrar que as travessuras da infância não o tornaram menor do que qualquer outra pessoa, eram apenas coisas de moleque. Quem sabe ele tivesse deixado de ser um menino na primeira vez que precisou sair de Muzambinho ou naquela vez em que enfrentou o revólver do prefeito da cidade. Agora, ele era um homem. Em breve, seria um médico, pois o sim que o separava do seu objetivo estava ali, na sua frente, rente aos seus olhos castanhos, cujo brilho, quando se tratava do dom de cuidar dos outros, era indescritível.



A garota da Gávea

Lá estava ele. O mineiro de 1,60m de altura e 23 anos estava vibrante em uma São Paulo do início da década de 1940 e sinônimo de boom econômico. As indústrias eram cada vez mais comuns e trabalhadores buscavam uma condição financeira melhor. Era nesse meio que o jovem e agora oficialmente futuro médico se encontrava, na busca ansiosa e extasiante de, mais do que nunca, fazer aquilo que sonhava há tempos: cursar Medicina.

Naqueles primeiros dias, depois do resultado do vestibular, o ar que pairava no céu da capital era diferente. Tinha uma pitada de gratidão especial, parecia que cada pedaço daquele lugar sabia o quanto o jovem havia se esforçado para chegar até ali, sabia do aperto no coração que sentiu ao ter que partir de Presidente Prudente com Orozimbo adoecido. Mas esse era o Gabriel que sabia, perfeitamente, que poderia contar com o apoio de seus pais, torcendo por ele, a 511 km de distância.

De qualquer forma, por ora, era ele quem guiava as rédeas (e os custos) dos seus sonhos e, para mantê-los em pé, ainda precisaria dar muitas aulas particulares para alunos do secundário e forrar o estômago por muitos dias apenas com um prato-feito e um copo de leite na Vienense. Assim se fez, dia após dia por um ano.

Era melhor ficar o dia fora, se alimentar apenas uma vez e conseguir custear tudo do que precisava a pedir dinheiro emprestado ou entrar em alguma dívida. Se tinha algo que Gabriel havia levado como lição dos tempos em que a família vendeu as propriedades em Muzambinho, era: sempre fugir de dívidas e nunca se enrolar com problemas financeiros ao ponto de precisar do auxílio de terceiros.

Justamente para aumentar sua capacidade financeira e conseguir custear os gastos com o curso de Medicina, Gabriel tentou a sorte, em 1943, em um concurso público de escriturário para a Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo. Entre 1700 candidatos, conseguiu uma das 90 vagas disponíveis na Divisão de Organização e Orçamento localizada na movimentada Alameda Barão de Limeira na região central da cidade. Agora estava mais fácil manter a estabilidade que precisava para suprir seus gastos na capital.

Naquele dia, o despertador tocou logo cedo. Antes das 6h30 Gabriel já estava de pé, foi ao banheiro, lavou o rosto e viu no espelho o reflexo dos olhos castanhos que traziam uma mistura de ansiedade pelo novo emprego e inquietação pela nova rotina que estava começando. Terminou de escovar os dentes, arrumou-se e saiu pela rua da casa de sua tia.

O novo serviço lhe aguardava às 8h em ponto e, para Gabriel, isso não significava 8h01. Sempre gostou de ser pontual e nunca teve muita paciência para atrasos. Por essa razão, apertou o passo, ainda precisava cruzar vários quilômetros da cidade que separavam o endereço da tia Lulu e de seu novo emprego. A capital, naquela hora da manhã, já estava a todo vapor.

Gabriel chegava ao seu destino: número 1138 entre a Alameda Ribeiro da Silva e a Eduardo Prado no bairro Campos Elíseos, bem no coração da capital, um dos primeiros bairros nobres e planejados de São Paulo. Adentrou ao prédio da Secretaria da Fazenda sem saber ao certo o que esperar. Logo na porta, encontrou Otávio Frias de Oliveira, seu primeiro chefe, e que, mais tarde, viria a se tornar fundador do jornal Folha de S. Paulo, um dos mais influentes do país até hoje.

– Bom dia, como vai? Você deve ser o novo escriturário!

– Bom dia! Prazer, Gabriel.

– Otávio, me acompanhe. Vou te apresentar o espaço.

Gabriel seguiu os passos do homem de semblante cordial, paletó bem alinhado e que aparentava ter em torno de 30 anos. Depois de alguns minutos entrou em uma sala onde podia ver pilhas e mais pilhas de papel, alguns homens, com os paletós igualmente alinhados, anotando coisas em mais papéis.

Gabriel notou um silêncio, até mesmo constrangedor, e alguns olhares fixos em sua figura. Mas, antes de se sentir envergonhado, percebeu que não se tratava dele e sim de Otávio. Os funcionários aparentavam certo receio em sua presença. Ignorou a percepção e continuou ali observando até que Otávio virou-se para ele e disse:

– Aqui é onde você vai ficar. Pode se sentar já vou te explicar como serão as atividades – disse apontando para uma cadeira de couro no canto esquerdo da grande sala.

Gabriel então caminhou em passos animados até o assento. Após alguns minutos seu novo chefe retornou e explicou como tudo funcionaria. Basicamente, Gabriel deveria organizar alguns documen-

tos, relatórios, fazer lançamento em contas e atender clientes. Tudo isso, todos os dias, até às 18h, antes de ir para a faculdade.

Não demorou muito para que o jovem, conhecido por suas traquinagens na infância e por sua personalidade extremamente ativa, se visse entediado. Parecia que as horas se tornavam meses e o ponteiro do relógio ao fundo da sala não se mexia. Papéis e mais papéis se acumulavam na mesa em sua frente e a sonhada 18h não estava nem perto de chegar. “Que coisa mais rudimentar!”, pensou.

Certa vez, cansado depois de mais um dia exaustivo de trabalho e estudo, Gabriel chegou em casa depois da aula e América estava lá, a sua espera. A caçula, que também havia começado os estudos de Serviço Social, não conseguia conter a alegria ao ver o irmão. Era aquele momento um dos seus preferidos, ao fim de um dia longo e atarefado, quando se juntavam na sala de estar da tia para colocar o papo em dia.

– Bieco! Conte-me tudo, como está o trabalho?

– Olha, honestamente minha irmã, acho um serviço um pouco estranho. Ligeiramente deprimoroso. Acredito que amanhã conversarei com senhor Otávio e irei pedir transferência para o período noturno.

– Otávio? - perguntou América com semblante de dúvida.

– Sim, o chefe do departamento. Cá entre nós, ele parece não ser muito adorado entre os funcionários, mas tentarei a sorte.

– Entendo, mas dará tudo certo e se lembre: você precisa desse emprego.

– Sei bem, América, sei bem... Agora me diz você, como foi o curso hoje? – perguntou Gabriel ansioso para ouvir as novidades.

Era especial para ele ouvir a irmã relatar as experiências que vivenciava na faculdade. De alguma forma ele se sentia orgulhoso por tê-la influenciado na escolha da graduação.

– Ah, é um curso novo de tudo, então ninguém nunca tinha ouvido falar antes. Está sendo uma surpresa a cada dia, principalmente para mim que não estou acostumada. Essa cidade é grande demais, tem muita gente, não acha, Bieco? – questionou esperando que o irmão concordasse. Gabriel apenas deu de ombros e sorriu com as palavras de América.

Não demorou muito para que se despedisse e se preparasse para dormir. Já em seu dormitório, Gabriel ligou o rádio e degustou de uma bela música erudita enquanto se acomodava em sua cama. O jovem era um grande apreciador da música clássica e, naquela época, no começo dos anos 40, o jornalista Cásper Líbero havia inaugurado a Rádio Gazeta, em São Paulo.

Uma das poucas, entre as 11 emissoras radiofônicas da cidade, que privilegiava a transmissão de temporadas líricas e contava com uma programação cultural de alto nível.

* * *

Como de costume, Gabriel levantou no horário, fez suas obrigações matinais e saiu para o trabalho a fim de cumprir aquilo que havia dito à América. Pediria para ser transferido de horário.

Sem grandes delongas, disse logo suas intenções para Otávio que, para a surpresa de Gabriel, acatou seu pedido.

– Muito bem, jovem. Nomeio você e outros dois. A partir de agora trabalharão na conferência de arrecadação da secretaria em período noturno.

Gabriel assentiu e ficou matutando para ver se reconhecia os seus dois novos colegas de trabalho. Eram dois jovens estudantes de Direito, um deles se chamava Marcos Nogueira Garcez, que mais tarde se tornaria desembargador de São Paulo, e seu irmão Lucas Nogueira Garcez, que se tornaria governador do Estado em 1951. Nada mudou na rotina de Gabriel nos próximos anos. Estudava Medicina em tempo integral, cumpria suas obrigações na secretaria à noite.

Isso até meados de 1942, quando uma carta mudaria completamente seus pensamentos e sonhos. Aparentemente, Gabriel conheceu a mulher que transformou tudo e deu um novo sentido para as batidas de seu coração.

* * *

Já era quase virada de ano, os preparativos para a chegada de 1942 tomavam conta da pequena cidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente. Enquanto isso, Gabriel estava contando as horas para o dia em que retornaria à capital para tentar ingressar no curso de Medicina.

Mas, antes que colocasse novamente seus pés em São Paulo, recebeu um convite que o levaria de volta para as suas raízes mineiras, iria prestigiar o casamento de Ana e Paulo Carneiro, dois amigos de seu primo Eurico.

O primo fizera questão de que Gabriel o acompanhasse com seus irmãos José e o xará Gabriel até a fazenda da família Carneiro, em Sobragi, Minas Gerais. Logo Gabriel aceitou o convite do primo, despediu-se dos pais e embarcou na aventura que tinha tudo para levá-lo para muito mais que uma simples festa de casamento.

A viagem era longa, exatos 999 km separavam Prudente do destino, isso sem contar o desvio de rota que os jovens fariam ao passarem pelo Rio de Janeiro até seguir trajeto rumo à festa.

Marcado para o dia 29 de dezembro de 1941, o casamento de Ana e Paulo estava, assim como todos, recheado de sorrisos, lágrimas de emoção, músicas, vestidos e chapéus que se emaranhavam na pista de dança. Tudo isso servindo de plano de fundo para algo mais singelo que poderia haver, a união de dois jovens que dividiam os mesmos propósitos e os mesmos sonhos.

Gabriel nunca havia se apaixonado, mas sabia um pouco sobre o amor ao pensar na relação de seus pais. Naquela época, ele não tinha outros objetivos além de conseguir uma vaga na faculdade, não lhe sobrava tempo para deixar-se devanear em possíveis paixões.

Juntou-se a Eurico e ficou observando a animação que as músicas provocavam no salão até o momento em que estreitou seus olhos castanhos para além da pista de dança e avistou, do outro lado, no canto esquerdo em meio a uma roda de moças, outro par de olhos que o encaravam. Diferente dos dele, esses tinham um tom verde tão encantador que, quando percebeu, Eurico apertava seus ombros na tentativa de despertá-lo.

— Olha aquela lá, meu primo. Está esperando para casar com você — disse Eurico olhando de soslaio para a jovem de olhos verdes que o encarava.

Gabriel apenas sorriu de canto e abaixou o olhar. Não entendia a razão para o primo ter dito aquilo, se quer sabia o nome da jovem, mas, secretamente, admitia que não recusaria uma oportunidade de ver aqueles olhos de perto.

Antes que pudesse responder Eurico, o silêncio se instaurou no salão, estava na hora da valsa dos noivos. A música mudou o tom e, de repente, o emaranhado de vozes, deu lugar a um belo coro instrumental. Paulo e Ana se preparavam ao centro do salão e os convidados por ali ficavam admirados ao ver o jovem casal deslizar pelo ambiente.

— Vem, vou te levar para conhecer a Marina — falou Eurico enquanto puxou Gabriel pelo braço que apenas o seguiu pelo salão sem entender muito bem.

Atravessaram o salão pelas beiradas para não atrapalhar os casais que acompanhavam os noivos na valsa. A primeira coisa que viu ao chegar na outra ponta do salão foram os mesmos olhos verdes, dessa vez de perto.

— Marina, quero que conheça Gabriel, o mais novo médico da família — apresentou Eurico.

A moça sorriu de canto e abaixou os olhos envergonhada, Gabriel então procurou palavras para

não deixar um silêncio constrangedor:

— Eu acabei de entrar na faculdade, na verdade, Eurico está exagerando. Prazer, como vai? — completou a frase estendendo a mão para a jovem Marina, que retribuiu com um aperto cordial.

— Legal, tenho tios que são médicos, é uma profissão honrosa, seu pai deve estar orgulhosos — disse Marina, tentando esconder o rubor de timidez que suas bochechas brancas denunciavam.

O papo fluiu, conversaram sobre a vida corrida em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Gabriel não pode deixar de notar o forte sotaque carioca da moça.

Marina Elizabeth Lobo Barbosa Carneiro era uma típica jovem do Rio de Janeiro nos anos 1940. Filha de Octávio Barboza Carneiro e Aurora Lobo Leite Pereira, era uma de sete irmãos. A família era grande e também respeitada na sociedade carioca, a jovem era sobrinha do cientista Carlos Chagas, descobridor da Doença de Chagas, que assustou o Brasil no início do século XX.

De estatura baixa, menor que 1,60m, Marina era apenas um pouco mais baixa que Gabriel e isso ficou evidente, naquela noite no salão, quando estavam lado a lado.

Embora Gabriel entendesse a figura de Marina como uma moça de fato muito bonita, não estava em

busca de estreitar relações, sabia que não poderia nutrir sentimentos tão profundos naquele momento de sua vida, pois, antes, precisava cumprir seu objetivo de concluir a faculdade.

Por essa razão, trocou algumas palavras com a jovem de olhos verdes. Mas não passou disso. Na volta ao Rio, apenas a observou de longe perdida em pensamentos olhando pela janela do ônibus que os levavam de volta.

Depois daquela viagem, retornou a São Paulo e começou a sua rotina acelerada. Mas, em algum lugar dentro de si, guardou com carinho aquela memória e a lembrança da linda jovem que conhecera.

* * *

A noite já avançava pelas janelas da casa de Tia Lulu quando Gabriel sentou em sua escrivaninha e procurou por sua caneta tinteiro. Não sabia ao certo por quais razões, mas sentiu vontade de escrever, finalmente, para a jovem que esteve guardada em seu coração por mais de um ano. Respirou fundo e começou a escrever que esteve pensando no encontro que tiveram, lá naquele casamento de Ana e Paulo. Sentia agora que gostaria de conhecer melhor a jovem de olhos claros com a qual trocou poucas frases naquela ocasião.

Selou a carta, endereçou e, no outro dia, antes

de ir para a faculdade, colocou nos Correios. Depois disso, os próximos dias foram de pura ansiedade e expectativa por uma correspondência. Todos os dias chegava em casa e questionava América se havia chegado algo do Rio.

Não demorou muito e a resposta veio. O jovem Gabriel pegou o envelope das mãos de América e correu para seu quarto na ânsia de ler as palavras de Marina.

Pronto, aquele era o começo dos próximos anos de suas vidas. As cartas não paravam de ir e vir entre o Rio e São Paulo. Os assuntos eram diversos, os laços se estreitaram e as visitas de Gabriel às terras cariocas se tornaram comuns.

Adoravam uma boa festa de casamento e um lugar para dançar, sempre dançavam juntos. Ela, como uma boa carioca da gema, adorava um samba e ele sempre a acompanhava. Parece que estavam descobrindo algo que aparentemente todo mundo já sabia desde aquele casamento em 1941: Gabriel e Marina estavam destinados a ficarem juntos.

A ideia de Gabriel era concluir o curso de Medicina e conseguir uma estabilidade financeira suficiente para sustentar um lar e para construir uma família ao lado de Marina. Assim, passou a acordar nas manhãs a partir dali.

A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo era o destino de quase todos os dias quando Gabriel, ain-

da estudante, fazia diversos partos, 500 só enquanto ainda cursava a graduação, para ajudar realizar seu sonho e, claro, se aperfeiçoar cada vez mais na profissão que havia escolhido para a vida.

* * *

Em 16 de dezembro de 1947, Gabriel Costa Neto concluiu seus estudos e se tornou médico pela Escola Paulista de Medicina. A cerimônia de colação de grau ocorreu no esplêndido Teatro Municipal de São Paulo e contou com a presença do então secretário da Saúde do Estado, José Queiroz Guimarães.

Após o diretor da escola, Álvaro Guimarães Filho, iniciar as solenidades foi a vez do colega de turma Abrahão Korkes ler o juramento dos futuros médicos. Houve a entrega de anéis aos bacharelados, mas nada era tão esperado e desejado pelos recém-formados do que a nomeação ao 1º Prêmio Dr. Plínio Caiado de Castro da faculdade, que seria entregue ao melhor aluno da 6ª turma de médicos.

Surpresa e gratidão, tomaram conta dos sentimentos de Gabriel no momento em que ouviu seu nome ser chamado para receber a tão lisonjeada premiação. Lá estava ele, o jovem mineiro, que durante a infância fugiu dos paulistas em meio a Revolução Constitucionalista, agora se formava médico em solo

paulistano e, ainda, levando consigo o título de melhor aluno da classe. Durante o 4º ano do curso, surgiu a opção de transferir sua vaga para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), também conhecida como Medicina-Pinheiros, por causa do nome do bairro em que está localizada. Muitos colegas de classe de Gabriel escolheram a FMUSP, mas ele preferiu a EPM e agora seria lembrado para sempre por causa de seu desempenho na faculdade. Embora seus pais não pudessem estar presentes nesse momento, visto que Orozimbo ainda se encontrava adoecido, Gabriel sabia que essa vitória era algo que lutaram para conseguir juntos e que, definitivamente, tinha feito a escolha certa.

Subiu ao palco e recebeu a honraria que oficializava tudo o que vivera nos últimos seis anos apertados de muita correria e dedicação. Nesse momento, a aura que se explanou pelo ar do teatro foi só uma: a de sonho realizado.

Ainda na mesma cerimônia, Gabriel teve a chance de prestigiar sua irmã mais nova, América, concluir os estudos em Serviço Social. Aquele dia de dezembro de 1947 ficou marcado nas memórias da família Costa como o dia em que dois de seus membros conseguiram o título de bacharelado das profissões de suas vidas.

Os próximos passos de Gabriel estavam decididos:

trabalhar o suficiente para conseguir uma estabilidade e casar-se com Marina. Tudo parecia caminhar perfeitamente para isso. Trabalhando na Santa Casa de São Paulo, Gabriel juntava a maior quantia de dinheiro que conseguia até que, devido a uma forte crise de apendicite, precisou pausar seu plano para ser operado.

Depois da cirurgia, ainda em recuperação, Gabriel recebeu a visita de Marina e de uma prima, Osmarina, em uma viagem de três dias a São Paulo para saber como ele estava. Embora estivesse relativamente tudo caminhando bem, Gabriel sabia que se quisesse conseguir uma estabilidade para se casar, precisaria se mudar para o interior onde teria mais campo para expandir profissionalmente.

Passou mais dois anos trabalhando na capital depois da cirurgia até fazer suas malas, se despedir de sua Tia Lulu e de suas primas, pedir sua transferência da Secretaria de Saúde do Estado e embarcar rumo à pequena cidade de Regente Feijó (SP), a 16km de Presidente Prudente. Era lá que o jovem médico de 31 anos pretendia clinicar, abrir seu consultório com recursos próprios e, finalmente, unir sua vida com a de Marina oficialmente.

Chegando à Regente, Gabriel e outros três médicos foram nomeados para atuar no posto de saúde da cidade atendendo pacientes, receitando e realizando exames de rotina. Assim clinicou por um total

de seis meses, até que decidiu pedir licença para voltar aos grandes centros e aprimorar suas habilidades cirúrgicas.

Dessa vez, foi trabalhar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e na Uniclínica com o doutor Jorge Grey, da então Faculdade Cirúrgica de Medicina da Praia Vermelha. Lá, Gabriel ficou por oito meses adquirindo mais experiência e ajudando em operações dos mais diversos portes.

— Você leva jeito com cirurgia, meu jovem - disse doutor Jorge para Gabriel em um dia de trabalho.

— Agradeço, doutor. É uma honra receber tamanho elogio do senhor!

— Você deveria partir para o interior, lá terá mais chance de crescer profissionalmente.

Foi após esse conselho que Gabriel pensou carinhosamente sobre retornar para Regente e, logo após, aterrissar finalmente em terras prudentinas.

* * *

Naquele ano, 1950, Presidente Prudente tinha uma população de 28.793 habitantes na cidade e de 32.551 habitantes contando com área rural. Isso representava um crescimento de 127% no desenvolvimento da cidade em relação à década anterior. O

cenário perfeito para um Gabriel que, assim como Prudente, estava em fase de crescimento e evolução. Porém, ainda que ansioso para começar a trabalhar, Gabriel precisou resolver uma questão com seu tio paterno e também médico, Gabriel Costa.

O tio, que anos antes havia incentivado a família a se mudar para Presidente Prudente, agora se via receoso em dividir o mercado médico com o sobrinho já que, devido aos nomes iguais, isso poderia gerar algum tipo de confusão por parte dos pacientes.

A fim de sanar quaisquer problemas, o jovem Gabriel então adotou o nome profissional de Costa Neto, assumindo seu sobrenome completo e ficando conhecido a partir daí como Doutor Costa Neto, enquanto seu velho tio como Doutor Gabriel Costa.

Foi nesse cenário que Costa Neto começou a trabalhar no Hospital Nossa Senhora das Graças, fundado três anos antes, pelo médico e futuro grande amigo Odilo Antunes de Siqueira.

Assim, devidamente instalado profissionalmente e perto de seus pais mais uma vez, Gabriel sentiu que era a hora. Precisava ir ao Rio de Janeiro e se casar com Marina.

* * *

Foi em 15 de agosto de 1950, na Gávea, no Rio de Janeiro que, finalmente, Gabriel e Marina oficializa-

ram seus votos de casamento. A cerimônia civil foi da casa da irmã de Marina, Beatriz Carneiro, e a união religiosa em uma igreja no Leblon.

Após uma curta lua de mel apreciando as belezas naturais e paisagens verdes de Alto da Serra, um dos bairros mais antigos e tradicionais de Petrópolis, o casal veio para Prudente e se estabeleceu em seu primeiro endereço, na Rua Doutor Gurgel próximo à casa dos pais e ao hospital em que Costa Neto trabalhava.

Após a mudança, Costa Neto, que agora estava construindo sua própria família, mal podia acreditar que, finalmente, havia se casado com o grande amor de sua vida. Ali, naquele momento, não havia mais algo que pudesse desejar e que o deixaria mais feliz, pelo menos não até chegar em casa.

— Marido, tenho algo para te contar - disse Marina com um tom de preocupação na voz.

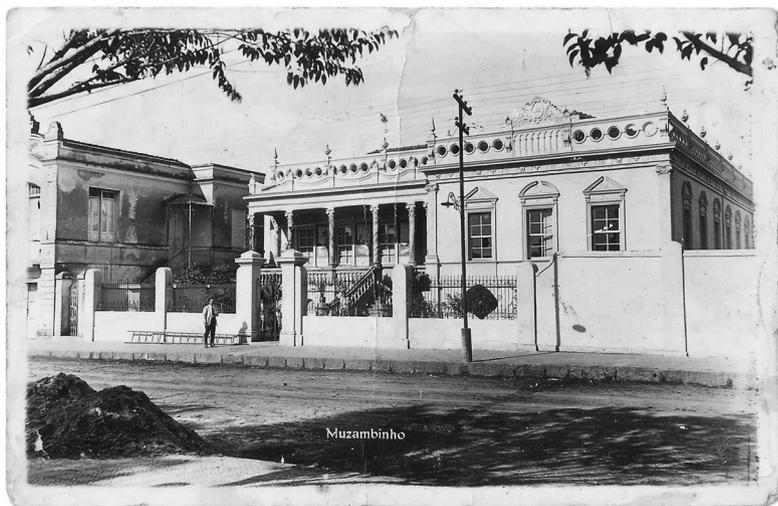
Gabriel tirou o casaco, colocou de lado no sofá e se sentou, atento ao que a esposa tinha para lhe dizer.

– Estou grávida!

ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA









O Dr. Costa Neto

Durante todos os anos estando ao lado de mulheres que não eram a sua nesse momento tão significativo que é o nascimento de um filho, agora era a vez de Costa Neto ter uma criança para chamar de sua, para dar mais do que o sobrenome e as características físicas, para ensinar valores. Um filho cujo sangue correndo nas veias seria o mesmo que o dele: de um Costa!

Mario Luiz Carneiro Costa chorou pela primeira vez — esse ato involuntário, instintivo e que carimba a chegada de todos nós ao mundo — no Hospital Nossa Senhora das Graças, em Presidente Prudente, no dia 14 de maio de 1951.

Médicos nunca faziam o parto da própria esposa, então, foi pelas mãos de um significativo amigo e companheiro de trabalho de Costa Neto, o Dr. Odilo Antunes de Siqueira, que Mário deixou o conforto do ventre da mãe naquela segunda-feira.

O homem, que agora ganhava mais uma função,

a de pai, colocava em prática nesse mesmo hospital tudo que aprendeu em seus estágios na capital paulista e nas aulas na EPM. Fazia o mesmo em seu primeiro consultório criado em 1955, no sobrado onde seus pais moravam na Rua Dr. Gurgel, a “rua dos médicos”, como ficou conhecida. Nos três primeiros cômodos da casa, logo na entrada, passavam pessoas de todas as idades e todas as classes sociais. Quem não podia pagar as consultas, oferecia uma galinha como sinal de gratidão pelo atendimento.

Na década de 1950, pouco havia especialistas nas áreas da Medicina. Aprendia-se de tudo na faculdade e os doutores atendiam de forma integral. Quem furasse o pé ao pisar em um prego ou quem precisasse de uma cirurgia do coração, poderia bater na porta do mesmo médico. Mas, ainda assim, foi na Ginecologia e Obstetrícia que Costa Neto encontrou seu lugar — mesmo não recusando outro tipo de atendimento — e colecionou diversas histórias das quais se lembraria para sempre.

Uma das aventuras que ele sempre gostava de contar aconteceu durante o período de residência do, então, recém-formado. Sob o desespero e a esperança de um militar sírio ou libanês prestes a ser pai — Costa Neto nunca soube certamente, apenas relatava que ele “era barulhento demais” —, o médico viu e

sentiu um revólver apontado no peito dele. O militar queria assistir ao nascimento do filho, mas estava tão apavorado que só atrapalharia o parto e Costa Neto não queria deixá-lo entrar no quarto da residência da família. Graças ao sogro do oficial, que o agarrou por trás e tomou a arma dele, dando o aval para o doutor realizar o parto, Costa Neto ficou tranquilo, mas não por muito tempo. Quando a criança nasceu, ela “custou a respirar”. O cordão umbilical tinha dado cerca de três voltas ao redor do pescoço do bebê, o jeito era apenas cortá-lo o mais rápido possível antes que asfixiasse o recém-nascido. Se a criança morresse ali, Costa Neto “estava perdido” e sentiria a arma em seu peito pela segunda vez. Não foi o que aconteceu!

* * *

No ano em que Costa Neto concluía a faculdade, Presidente Prudente dava um passo importante para a medicina local e regional com a fundação da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente (SMPP), em 14 de agosto de 1947. Todos os médicos residentes na cidade, à época, foram considerados fundadores.

Na primeira diretoria estavam os pioneiros da medicina na cidade: Dr. Cícero de Campos Gurgel, eleito presidente; Dr. José Cupertino D’Arce, o vice-

-presidente; Dr. Ennio Botelho Perrone, como 1º secretário; Dr. Washington Brasil Pereira e Silva, como 2º secretário; e Dr. José Foz, o tesoureiro. O projeto, inspirado pela Associação Médica de Londrina (AML), possuía três objetivos: defender os interesses da classe, reuni-la em uma única entidade cultural e social e promover o conhecimento científico entre os membros e outras sociedades semelhantes.

Naquela noite, os médicos foram brindar e discursar sobre os novos rumos da profissão no antigo Bar Cruzeiro do Sul, o Senadinho, localizado entre as ruas Tenente Nicolau Maffei e Joaquim Nabuco, cujas paredes inspiradas nos traços geométricos e na simplicidade da art déco refugiavam as ideias e os ideais dos intelectuais e políticos da época.

Costa Neto não esteve presente naquele momento, mas, dois anos depois de chegar à cidade, em 1952, seria o 5º médico a assumir o cargo de presidente da SMPP. Com um prestígio para ele que era tão novo na cidade e na profissão, veio junto a responsabilidade de coordenar outros colegas da área. No mais, uma nova alegria aguardava Gabriel.

Quando chegou em casa, à noite, depois de um longo dia de trabalho, Marina o esperava.

— Você ainda está acordada?!

— Sim, estava esperando você chegar. Preciso

te contar uma coisa — respondeu Marina, enquanto sorria e Costa Neto a abraçava.

— Está tudo bem?

— Está sim. — Marina parou por um instante e ficou encarando o esposo, antes de dizer “estou grávida”. Ela esperava o segundo bebê do casal, João Luiz Carneiro Costa, que nasceria em 29 de setembro de 1952.

Na SMPP, a meta de Costa Neto era promover uma aproximação da classe, instalar uma biblioteca na sede da Sociedade e estimular a criação de uma escola de enfermagem na cidade.

O número de associados também cresceu durante a presidência de Costa Neto que, ao lado do secretário Ênio Perrone, visitou os companheiros de profissão de toda a região prudentina, convidando-os e convencendo-os sobre a importância da entidade. De 28 associados, a SMPP passou a contar com cerca de 70. Costa Neto também foi responsável por organizar 1ª Semana Médica da Alta Sorocabana, que é realizada até hoje. Na época, o congresso reuniu nomes expressivos de toda a medicina brasileira. Graças ao telefone e à linha férrea da cidade, Costa Neto conseguiu trazer médicos de São Paulo, de onde as viagens demoravam praticamente um dia inteiro para serem feitas.

Conferências também foram programadas, projeções de filmes, simpósios e mesas redondas. Ao fim

do evento, uma ceia, no salão do Tênis Clube, aguardava os convidados que jantaram ao som dos instrumentos da orquestra da boate carioca Night and Day.

No final de novembro de 1953, um ano antes do término do mandato de Costa Neto como presidente da SMPP, mais uma surpresa: Marina esperava o terceiro filho do casal. Em 12 de julho de 1954, Otávio Luiz Carneiro Costa nasceu. Agora, para a família ficar completa faltava uma pequena cópia de Marina, uma filha.

* * *

Na cidade ou na área rural, às 4h da madrugada ou às 10h da noite, de carro ou à cavalo, Costa Neto sempre estava disponível. Uma vez, ele saiu do meio de um casamento para atender uma de suas pacientes: Cândia Álvares Calvo. Ela começou a ter uma hemorragia e foi levada para a Santa Casa de Misericórdia. O médico correu para o hospital, onde ele próprio ao invés de uma enfermeira pegou a maca para buscar Cândia e levá-la até o centro-cirúrgico. Enquanto a carregava, a jovem chorava vendo seu sonho de ser mãe se perdendo. Costa Neto, ainda de terno, a consolava:

— Calma, calma. Gravidez não dá para manter só com remédio — dizia, referindo-se aos hormônios que a paciente tomava.

Cândia começou a consultar com ele aos 17 anos, quando descobriu um nódulo na axila. Professora de História na Escola Estadual I.E. Fernando Costa, ela pesava 38 quilos e, quando casou, descobriu que possuía retroversão uterina. Seu maior sonho era construir uma grande família ao lado do marido, já que sempre admirou famílias grandes. Por causa da doença, Cândia enfrentou três abortos. Por mais repouso que fizesse, remédios que tomasse, não adiantava. Sempre perdia o bebê com cerca de três meses de gestação e quando pensou que, enfim, seria mãe, precisou encarar o luto por uma filha que já amava, uma filha para quem talvez até já tivesse escolhido o nome. No dia 23 de janeiro de 1961, Cândia deu à luz a uma criança que morreu poucos segundos depois do nascimento.

Cândia nunca desistiu da maternidade, e ao lado dela, sempre estava o seu médico, Costa Neto, que a tratava também com conselhos e atenção. A cada nova gestação, ele celebrava: “pronto, agora vamos começar”. Até que aconteceu.

O sonho de Cândia virou realidade no dia 13 de abril de 1963. Era um Sábado de Aleluia. Depois de três abortos espontâneos e uma perda, nasceu pelas mãos de Costa Neto um menino saudável, a quem ela deu o nome de Emanuel, “Deus conosco” em hebrai-

co. Alegre por sua paciente, o médico visitou Cândia no domingo seguinte e carregava com ele um ovo de páscoa, um presente para aquela jovem que viu crescer e que agora era uma mãe.

Em dezembro de 1964, Cândia teve mais uma filha, Luciana. Três anos depois, outra menina, Cláudia. Todos os filhos, frutos de partos normais, nascidos pelas mãos de Costa Neto. O médico raramente realizava cesáreas, mas, às vezes, era preciso.

Ele foi responsável por introduzir na medicina prudentina a chamada cesariana segmentar. Ao invés de abrir o útero inteiro da mulher, pois em uma segunda gestação, a possibilidade do útero romper e a mãe ou a criança falecerem, quando não as duas, era grande. Ele defendia e ensinava que se abrisse, apenas, o colo uterino.

O auxílio de Costa Neto, em uma época sem a tecnologia do raio-x e do ultrassom, era o sentido, a conversa, o conhecimento técnico e um estetoscópio obstétrico, cujo formato as novas gerações desconhecem e estranham.

O tempo passou, o médico ajudou no nascimento de outras crianças e Cândia continuou frequentando o consultório daquele homem que acreditava ser competente, dedicado, sensível e sério. Um médico que não cuidava apenas da saúde, mas do bem-es-

tar e possuía uma sensibilidade humana. Um médico em quem ela confiava e que cativou toda a família de Cândia. Além dos partos dela, Costa Neto também fez os partos das irmãs de Cândia, cuidou do pai e da mãe dela, dos irmãos, dos cunhados e até dos filhos.

Tudo o que Cândia ia fazer, primeiro consultava o médico independente se envolvia medicina ou não, o que importava era a opinião dele. Contudo, não foi apenas nos partos que Cândia precisou enfrentar o centro-cirúrgico. Em 1970, 1980 e 1985 ela foi operada por Costa Neto devido a um nódulo benigno na mama. Sempre Costa Neto.

A paciência e a sabedoria de ouvir quem estava atendendo sempre foi o grande diferencial dele. Foi isso que fez Cândia recorrer a Costa Neto, assim como tantas outras pessoas. O segredo para conhecer, descobrir, dar um diagnóstico era esse: ouvir atentamente.

Ouvir o paciente garantia que ele voltaria quando precisasse, porque ali se sentia acolhido, confortável e isso era o mínimo que, na opinião de Costa Neto, um médico deveria oferecer.

Os três filhos do médico estavam crescendo. Será que seguiriam a carreira do pai? Caso isso acontecesse, o amigo de Costa Neto, Dr. Odilo, sempre dizia que ele deveria comprar um hospital.

— Olha, estamos juntos há muito tempo, você tem filho e eu também. Os meus estão na medicina, então você tem que ter um hospital para os seus filhos — dizia Dr. Odilo a Costa Neto.

Foi quando ele se tornou sócio do Hospital São Luiz, fundado pelos irmãos e médicos Cestari, Adoniro e Moacyr. Inaugurado no dia 30 de maio de 1954, a compra não foi um bom negócio para Costa Neto.

Como um médico que atendia em diversos hospitais e tinha seu próprio consultório para cuidar, conseguiria administrar um hospital inteiro? O negócio dele era trabalhar em hospitais, não os gerenciar.

No fim, nenhum dos quatro filhos de Costa Neto seguiu carreira na medicina. De toda a família, apenas uma neta, Beatriz Marques Costa Pereira, filha de Otávio, escolheu a profissão. Para o avô, era um orgulho e um prazer ter com quem compartilhar as revistas da SMPP e ideias sobre as inovações na área da saúde.

Embora, anos antes de Beatriz nascer, Gabriel

soubesse que sua rotina não lhe dava tempo para gerenciar um hospital, foi no São Luiz que outro fato marcaria a carreira de Costa Neto.

Entre os 5 mil partos que realizou — até onde ele lembrou de contar — o nascimento dos filhos de uma moça desconhecida, que não havia acompanhado durante o pré-natal, foi carregado de surpresas. Assim que ela chegou, já estava em trabalho de parto e foi direto para o centro-cirúrgico. Nasceu o primeiro filho, depois o segundo... E quando Costa Neto pensou que tinha terminado, que o que vinha a seguir era apenas placenta, mais uma criança. Três meninas!

* * *

O casamento com Marina se fortalecia diariamente. Viviam um para o outro. Era inegável a paixão que os envolvia e notável por todos que estivessem ao redor. Para Gabriel Costa Neto, Marina era a mulher mais linda que seus olhos castanhos conheceram.

Apesar de ser um apaixonado pelas mulheres de forma geral, por reconhecer qualidades únicas que os homens não possuem e entender que elas “multiplicam a vida e os homens só possuem a sua”, era pela carioca que Gabriel se sentia fascinado.

Casaram-se três dias depois do aniversário de Marina, comemorado no dia 12 de agosto. Para ela,

seu maior presente era o momento em que a vida dela e de Gabriel foram, enfim, seladas. Por isso, Marina sempre esperava para comemorar o aniversário no mesmo dia que completava mais um ano de casamento.

Gabriel sempre preocupado em aprender, atualizar-se e continuar a cumprir o juramento de cuidar e zelar pela saúde das pessoas, lia seus dois jornais diários, O Imparcial e O Estado de S. Paulo — que, às vezes, era entregue com um dia de atraso à cidade.

Já Marina, sua companheira, cuidava da casa e dos filhos com o entusiasmo de uma mulher que estava ao lado do amor da sua vida depois de uma longa espera. Iam juntos aos supermercados e até ao cabeleireiro. Gabriel pegava seu jornal, colocava embaixo do braço e acompanhava a esposa, sempre vaidosa.

Desavenças? Talvez houvessem. Às vezes, a raiva virava graça, era tomada pelo charme, como quando Marina demorava para se arrumar e ele gritava:

— Marina, vamos embora, estamos atrasados.

— Já vou, marido — mas nem o batom havia passado ainda.

— Eu estou indo, você vai ficar para trás! — e Gabriel saía, dava uma volta no quarteirão, voltava e ficava esperando a esposa na porta de casa. Ele nunca a deixou para trás de verdade, nunca.

FAZENDA

SÃO SEBASTIÃO

DR. G. COSTA NETO-FILHOS



Um homem de negócios

A vida em Presidente Prudente foi tudo o que aquele jovem Gabriel, ansioso para passar no vestibular, idealizava. O reconhecimento na profissão era uma consequência do amor pelo trabalho e dos anos que dedicava à medicina, a família que construiu ao lado de Marina, os amigos que fez, as vidas que ajudou a trazer ao mundo e os pacientes que aconselhou. Com tudo isso, parecia que o coração de doutor Costa Neto já estava completo.

Porém, em 1958, comprou suas primeiras terras e viu aflorar uma nova paixão em sua vida: a pecuária. Ele nunca havia se interessado pelo ramo antes, apesar de ter vivido desde criança em fazendas e ter uma ligação familiar muito forte com o campo. Foi apenas seguindo o conselho de um amigo médico que Gabriel decidiu investir o dinheiro que ganhava com a medicina. Para sua mãe Gabriela, era uma alegria ver

que o filho havia decidido investir em fazendas.

O primeiro pedaço de terra comprado pelo médico tinha 190 alqueires e beirava o Rio Paranapanema em Mirante do Paranapanema (SP), a um km de Teodoro Sampaio (SP) e a 135 km de Presidente Prudente. Não tinha algo além de uma pequena casa de madeira que o antigo dono, um velho cafeicultor de Marília (SP), utilizava para guardar um arsenal de pescaria. A propriedade era chamada de São Sebastião, nome escolhido pelo morador anterior e mantido por Gabriel, que tinha consigo uma superstição de nunca mudar o nome de santos das fazendas.

Naquela época, todo o território da fazenda contava com 23 escrituras de lotes de pessoas de diversas regiões do estado de São Paulo. Gabriel, com a ajuda do corretor e grande amigo Carlos De la Piccola, foi comprando aos poucos essas áreas, investindo todo o dinheiro que ganhava com a medicina. Até que a São Sebastião atingiu 520 alqueires nos quais podia-se encontrar um barracão, uma tulha de café, uma casa rústica e 3 mil pés de café plantados, o equivalente a 10 alqueires. O resto era apenas mata virgem e terra de cultura, ou seja, apta ao plantio.

Esse apreço por terras era o principal legado que Gabriel havia herdado de seus avós, grandes fazendeiros do interior de Minas Gerais. Embora, devido aos

problemas de saúde do pai, a família não tivesse lhe deixado patrimônio material, o médico levou consigo a vontade de investir para, diferente do que lhe aconteceu, deixar uma herança aos seus filhos. Na época em que comprou seu primeiro pedaço de terra, seu filho mais velho, Mário, ainda tinha oito anos e, mal sabia, que tempos mais tarde se tornaria, ao lado dos irmãos, um grande auxiliador do velho pai na administração das fazendas. Nos anos seguintes, a família Costa viria a aumentar.

— É possível que seja uma menina.

Gabriel e Marina nem acreditaram ao saber que a quarta gravidez do casal poderia ser a realização de um sonho antigo, o de ter uma filha. Apesar da falta de certeza, visto que o ano era 1964 e exames como a ultrassonografia só chegariam ao Brasil em 1970, o casal torcia para que o palpite do médico estivesse certo. Estava.

Marina, ou Marininha, veio ao mundo em um lar que já sonhava com sua existência há muito. Pele branquinha e cabelos loiros, era a caçula da família Costa. Depois de tão esperada, o nome escolhido não poderia ser outro: o mesmo da matriarca da família.

Conforme os Costa iam se acostumando a ter uma menina, ainda que bebê, em casa, aos poucos a São Sebastião também ia criando forma. Primeiro,

Gabriel construiu uma casa em frente ao rio para o seu funcionário e administrador da fazenda, Valdomiro de Oliveira Lima, com quem dividiu uma relação de muita confiança por 12 anos. Com a ajuda dele e de outro grande amigo, Juvenal Lemos, o médico conseguiu desbravar a fazenda, derrubar o mato, vender madeiras de lei como peroba, ipê e outras espécies.

A partir disso, levou três anos para que o pasto estivesse devidamente formado, onde cabiam até 10 cabeças de boi gordo por alqueire. No início, como não tinha dinheiro para colocar gado, contou com a ajuda de Juvenal e de outro amigo, Chico Tavera, para começar a engordar “a meia” alguns bois. Ou seja, após o abate, uma porcentagem era entregue aos sócios que lhe arrendavam o gado.

Levou alguns anos até que tivesse condições de comprar seus próprios bois. A raça escolhida foi a Tabapuã que, além de nacional, era bom de peso e de leite e, aos poucos, foi comprando até não precisar mais de sócios e chegar a 1.500 cabeças de gado na São Sebastião.

A bela fazenda era o destino preferido da família, na maioria dos finais de semana. Como bons anfitriões, Gabriel e Marina adoravam organizar festas, comemorações e o local sempre parecia alegre. Era a única fazenda da família até 1968. Dez anos depois,

comprou 3.600 hectares de terra bruta em Rio Brilhante, no interior do Mato Grosso do Sul, e que levava o nome de Mata Sede.

Com uma rotina corrida, sempre com o mesmo receio de adquirir dívidas e sem o dinheiro suficiente para investir em uma fazenda de tamanho tão abundante, foi só em 1974, sete anos após a aquisição, que foram colocadas as primeiras vacas, arrendadas, na nova fazenda.

* * *

Tudo caminhava lentamente no desenvolvimento da Mata Sede, até 1976 quando Mário Luiz, primogênito de Gabriel e recém-formado em Zootecnia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Jaboticabal (SP), decide se mudar para a fazenda Mata Sede em Rio Brilhante e ajudar o pai na tarefa de começar a investir na fazenda.

— Nada disso, você ainda não tem experiência com fazenda, não pode começar a administrar a Mata Sede assim — a recusa do pai foi imediata.

Mário, que tinha um forte apreço pela pecuária e uma veia apaixonada por fazendas, não aceitou muito bem a resposta, e então, foi em busca de mais experiência para ganhar a confiança do pai.

Seis meses. Esse era o tempo que o filho de Ga-

briel passaria em Jaborandi (SP) na fazenda de seu primo, Luiz Carvalho Dias, estagiando e aprendendo a fundo como administrar terras. Apesar de já ter se casado e ser pai de Marcelo, que na época ainda era um bebê, o filho de Gabriel não mediu esforços no trabalho, deixou a família em Jaboticabal (SP) e se mudou para casa do primo, a fim de imergir integralmente nas tarefas da fazenda. Durante todo o tempo de duração do estágio, visitava a esposa e o filho sempre aos finais de semana.

Já durante a semana, o jovem zootecnista acordava todos os dias às 4h, fazia uma ronda pelas terras ao lado de Luiz e, às 6h, reunia-se com os empregados com relatórios para começar o serviço. Para garantir aprendizado integral, a cada 15 dias Mário migrava de setor. Conheceu muito sobre agricultura, plantio, colheita e, principalmente, pecuária.

Assim se foram seis meses de aprendizado, sonecas de 40 minutos após o almoço e muitos, muitos relatórios sobre a fazenda. Mário saiu de lá, acompanhado por Luiz e, quando encontrou o pai, de volta em Presidente Prudente, sabia que agora estava pronto.

— Pode entregar a fazenda que eu avalizo ele, esse aqui sabe trabalhar — falou Luiz para Gabriel.

* * *

Quando o primogênito de Costa Neto conseguiu se mudar para a fazenda Mata Sede em Rio Brillhante e ajudar o pai na tarefa de começar a investir na fazenda, o cenário visto pelos olhos de quem passava por lá era simples: quilômetros e quilômetros de muito verde, uma modesta casa de madeira e um velho curral.

Para Mário, seria uma tarefa árdua dar vida para aquele espaço, mas começou, aos poucos, naquele espaço rudimentar. No início, conseguiu reformar a pequena casa que já existia e andava a cavalo pela propriedade para se certificar de que estava tudo como o habitual.

— Pai, honestamente, precisamos fazer algo aqui na fazenda, desse jeito não vamos para frente, precisamos tocar lavoura — disse Mário que já havia observado que as propriedades da região estavam investindo cada vez mais em plantio.

— Mário, você sabe que para isso teríamos que pedir empréstimo no banco, para comprar todo o maquinário e eu não quero arrumar dívidas! — o filho sabia do pavor que o pai tinha de entrar em problemas financeiros, mas insistiu.

— Entendo seu receio, pai, mas precisamos investir e podemos pagar o maquinário com o dinheiro da lavoura.

O silêncio se fez por um instante até que Gabriel, não tão certo dessa atitude, assentiu. Foram ao banco, dias depois, com o objetivo de liberar a compra das máquinas.

Naquele tempo, na década de 1970, o clima do Brasil era outro naquela região, chovia demais e isso favoreceu para que Mário encontrasse o plantio perfeito para levar em frente a lavoura: arroz de sequeiro, um tipo de grão que é cultivado sem a necessidade de irrigação. Hoje, devido às diversas transformações no país, não é mais tão produzido, sendo substituído pelo arroz irrigado.

Embora aparentemente tudo estivesse caminhando como deveria, empregados trabalhando, área de lavoura prosperando, para Gabriel, a preocupação principal era só uma: o valor que foi gasto na compra dos maquinários e que ainda não havia sido quitado.

No entanto, quando a Mata Sede rendeu sua primeira safra, o médico viajou até Rio Brillhante, ajudou Mário na venda da produção e foi direto ao banco.

— Gostaria de efetuar o pagamento do empréstimo feito em meu nome — disse ele para o gerente que aparentou surpresa.

— Meu senhor, temos a possibilidade de manter o parcelamento que pode ser pago em até 10 anos com juros pequenos, não prefere esperar uma estabi-

lidade de lavoura maior?

— Não gosto de dever, gostaria de quitar agora — concluiu irredutível.

Sem mais delongas, assim fez. Com o dinheiro que ganharam com a primeira super safra da fazenda, Gabriel quitou todo o valor que havia sido gasto nas compras dos maquinários. Agora, poderia deitar a cabeça no travesseiro com a consciência tranquila de que estava, novamente, sem nenhuma dívida com a qual se preocupar.

O tempo estava passando, Gabriel continuava atendendo seus pacientes em Presidente Prudente e, sempre que podia, passava por Rio Brillhante para acompanhar de perto Mário na gestão da Mata Sede, que agora estava pronta para uma segunda super safra.

— Pai, acho que podemos comprar mais uma fazenda, agora que não temos mais o banco para pagar, o que você acha?

— Mais uma? Mas o dinheiro dá ou teríamos que entrar com banco de novo? — questionou com receio de precisar, mais uma vez, pedir um empréstimo.

— Não, não...o dinheiro dá para uma parcela, depois a gente se vira.

Subiram no carro para visitar a nova fazenda da família. Gabriel, Mário e o gerente do banco, chegando lá, ficaram admirados com a qualidade das terras.

Santa Marina era oficialmente a nova fazenda da família. Localizada no município de Sidrolândia, nas redondezas de Maracaju, no Mato Grosso do Sul. Era 100 km de distância da próspera Mata Sede. Mil e duzentos (1.200) hectares no fundo de uma fazenda de 13 mil hectares, esse era o território, que agora, a família poderia explorar com lavoura e gado.

— Como vamos conseguir dinheiro para investir aqui? — questionou o médico preocupado.

— Calma, pai, ano que vem teremos outra safra na Mata Sede e conseguiremos.

Com esse dinheiro e com o maquinário que já tinham da Mata Sede, Mário abriu a nova fazenda em seis meses, colocou cerca, construiu um curral e colocou gado. Tudo isso também com o auxílio de um financiamento fornecido pelo governo na época, chamado Projeto Tecnificado de Pecuária (Propec). Após utilizar o dinheiro, havia um prazo de oito anos para quitar o empréstimo. No fim do prazo, a Santa Marina já produzia há três anos, não houve dificuldade em pagar, para a tranquilidade de Gabriel.

A partir daí foi só prosperidade. Com o dinheiro das safras e, principalmente, de bois em pastos arrendados pela região, a família continuou comprando

terras ao redor da fazenda Mata Sede e, hoje, são 4 mil hectares divididos em três fazendas: Mata Sede, São Gabriel e Pampa. As duas últimas eram dois perímetros que nasceram de recortes do território total da Mata Sede e, mais tarde, seriam destinadas a Marina e Otávio que começariam a investir nessas terras.

Dessa forma, levando em conta o investimento e o lucro que a pecuária trazia, a principal fonte de renda das fazendas passou a ser o arrendamento de pastos e não mais o plantio. A família tinha pastos arrendados em diversas cidades como Nova Alvorada, Naviraí, Juti e Eldorado, todas no Mato Grosso do Sul.

Esse foi o serviço de Mário até a segunda metade dos anos 1980, quando ganhou o auxílio dos irmãos, João Luiz Carneiro Costa e Otávio Luiz Carneiro Costa, na administração das fazendas da família.

João, que é formado em Engenharia Mecânica pela Fundação Educacional de Bauru (SP) - hoje Unesp -, havia acabado de retornar de Piracicaba (SP), onde trabalhou por mais de oito anos na tradicional Metalúrgica Dedini.

Casado e pai de João Gabriel, nome em homenagem ao pai, e de Mônica, recebeu o convite do pai Gabriel e aceitou prontamente. Assim, deixou para trás os anos em que passou como chefe da divisão de planejamento central e toda a experiência que viveu

nos anos da metalúrgica Dedini, tudo em prol do zelo pelo patrimônio familiar. Dessa forma, tomou a frente na gestão da fazenda Santa Marina.

Já Otávio, era recém-formado em Administração de empresas pelo Centro Universitário Toledo Prudente. Trabalhava há dois anos na Usina Alto Alegre em Prudente quando recebeu o convite do pai para ficar responsável pela São Sebastião.

O filho que nunca saiu de perto dos pais e sempre esteve presente como um companheiro, agora ganhava uma nova missão: cuidar das terras que eram as mais especiais no coração de Gabriel: as primeiras, que começaram todo o legado das fazendas. Para Otávio, era uma honra, para Gabriel, um orgulho imenso poder ter a participação de seus filhos na gestão das terras.

Por fim, Mario continuou na administração da Mata Sede e dos arrendamentos de pastos na região. Enquanto isso, Gabriel permanecia em Prudente exercendo sua primeira grande paixão: a medicina.

Embora cada fazenda tivesse o seu devido responsável, as terras ainda eram unificadas e pertenciam à família Costa de um modo geral. Assim foi até 1990, quando Gabriel decidiu repartir as terras e colocar cada uma no nome de um filho.

— Vai ser feito um sorteio, cada um coloca no

papel o nome da fazenda que deseja, o Mário, como já conhece-á a mais tempo, não vai votar e fica com a que sobrar — explicou Gabriel enquanto distribuía papéis em branco para os filhos.

Mário ficou com a Mata Sede, Otávio e Marina com as fazendas vizinhas, Pampa e São Gabriel, respectivamente, e João se tornou dono da fazenda Santa Marina, também no Mato Grosso do Sul. A São Sebastião, que era a mais produtiva de todas, continuou registrada no nome de Gabriel Costa Neto.

— Agora cada um de vocês é livre para administrar e assumir os custos de suas fazendas da forma que acharem melhor. Agora é com vocês — avisou o patriarca.

A única fazenda que continuou sendo propriedade da família Costa como um todo, foi uma fazenda chamada Arizona, comprada em Cáceres, no Mato Grosso. Porém, após a divisão, os filhos estiveram ocupados com a administração das próprias fazendas e não sobrava tempo para se dedicarem a mais uma e, devido à localização, próximo ao Pantanal, era uma fazenda que constantemente era vítima de inundações. Somando esses fatos, Gabriel achou mais válido vender a propriedade, visto que o gasto para investir seria muito alto e a distância das demais fazendas era muito grande.

De um lado as fazendas prosperavam, do outro Gabriel buscava formas de conciliar a vida profissional, com a família e com suas atividades na pecuária, que estavam cada vez mais presentes em sua vida, com a nomeação à presidência do Sindicato Rural de Presidente Prudente, em 1976.

Na entidade, ao lado de pecuaristas locais, fundou a Sociedade Rural do Sudoeste Paulista e teve dois grandes feitos durante sua gestão: a fundação do Parque de Exposições de Presidente Prudente e o evento de inauguração que reuniu dois presidentes na cidade, fato inédito até então. Além disso, criou o GTE (Grupo de Troca de Experiência) em sua fazenda em Mirante do Paranapanema no final da década de 1990. Os encontros eram mensais, cada mês em uma fazenda diferente e Gabriel sempre cuidava para estar presente em todas as reuniões. Com o tempo, o GTE foi ganhando força entre os pecuaristas e foram criados outros grupos temáticos em Presidente Prudente, como pecuária de corte, coco, avestruz, pastagem e inseminação. Cada equipe era composta por 12 pecuaristas da cidade e da região e todos coordenados por Gabriel.

A ideia foi inspirada no Uruguai. Lá, nessa época,

era comum grupos onde pecuaristas se encontravam para trocar aprendizados e dicas. As reuniões prosperaram até 2006. Em cada encontro, Gabriel, como coordenador, apresentava o roteiro da fazenda em que estavam, depois abria para a conversa. Cada pecuarista tinha a chance de dar dicas, expor conhecimentos, experiências e opiniões para a melhoria daquela fazenda. Todo mês era um destino diferente e, depois de seis meses ou um ano, o grupo retornava para ver se as orientações haviam sido levadas em frente.

Embora tivesse dado tão certo a ponto de ser copiado em outros estados como o Mato Grosso do Sul, o GTE chegou ao fim quando Gabriel já não estava mais à frente da Sociedade Rural. Por questões éticas, o médico acreditava não ser justo uma reeleição, então abriu o cargo para seu sucessor. Embora tenha se esforçado, o fato do grupo já ter visitado todas as fazendas da região, acabou sendo um fator que contribuiu para que a falta de ânimo para mantê-lo vivo persistisse.

Durante as reuniões, o Movimento dos Sem Terra (MST) era muito citado visto que estava constantemente tentando ocupar fazendas da região. Até que, em uma reunião específica de 10 de setembro de 1998, em uma quinta-feira, o movimento conseguiu entrar em uma fazenda vizinha da qual estavam reu-

nidos, chamada Santa Zélia.

Na ocasião, foi feito um acampamento na frente da fazenda com barracas, bandeiras e pessoas por toda parte. O grupo, que havia saído para ver pastos, causou alvoroço nos assentados que, na ocasião, até chamaram a polícia para os integrantes do GTE. Os pecuaristas, por sua vez, buscaram o auxílio de um grupo instaurado em Dourados, no Mato Grosso do Sul, conhecido como GOF (Grupo de Operação de Fronteira) - hoje DOF (Departamento de Operação de Fronteira) - que é um segmento da Polícia Militar. O objetivo era conseguir que desocupassem a fazenda.

Com armas de balas de borracha, a polícia conseguiu expulsar os membros do movimento que haviam se instalado por ali. O confronto foi um terror, a ponto dos membros do MST pularem no rio Cuiabá e nadarem uma distância de dois quilômetros até o outro lado. O acampamento ficou, mas ninguém voltou.

Anos mais tarde, em 2008, uma das fazendas de Gabriel também foi ocupada pelo MST: a São Sebastião, que na época contava com 520 alqueires. Os pastos foram queimados e os bois sacrificados. A fazenda já havia sido doado aos filhos do médico, que nesse momento já se encontrava adoentado, quem cuidava e gerenciava as terras era Mário. Depois disso, as áreas foram desapropriadas e passadas ao Estado.

Apaixonado por gado Tabapuã e cavalos Mangalarga Marchador, Gabriel, que ainda era presidente do Sindicato Rural, e outros pecuaristas da região tiveram a ideia de convidar o então presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner, um criador e apreciador de Nelore, para prestigiar o gado da região.

Foi então que Farhan Buchalla, um grande criador da raça, cedeu dois bois que seriam enviados ao Paraguai como convite ao presidente para participar do evento que, ainda, não tinha data nem local para ser realizado.

Todo o transporte foi custeado pelo frigorífico Bordon e, ao chegar no país de destino, a resposta foi imediata. A presença do convidado estava confirmada. Com contatos em Brasília, Gabriel e os pecuaristas envolvidos na realização do evento, convidaram o então presidente do Brasil, Ernesto Geisel, que, ao saber que um governante de outro país estava envolvido, aceitou o convite. Porém, para que o evento de fato ocorresse, a cidade precisava, oficialmente, de um recinto de exposições. A construção do espaço foi concebida em 90 dias, com verba financeira do governo federal.

Com barracões para o gado, arquibancadas, es-

critório e todo o espaço necessário para a execução da 1ª Feira de Exposição de Animais de Presidente Prudente e a 5ª Exposição Internacional de Nelore, o recinto recebeu o nome de Jacob Tosello que, falecido à época, era um dos grandes membros ativos do sindicato rural.

Durante os três meses de obras, o assunto da cidade e dos jornais era só esse. Os periódicos avisavam da presença do então governador do Estado, Paulo Egydio Martins, e que seriam 2.000 bovinos inscritos no evento realizado entre os dias 13 ao 15 de março.

A população não sabia o que esperar porque nunca antes havia passado por algo parecido. A ansiedade e curiosidade tomava conta da cidade. Qualquer que fosse a razão, Presidente Prudente não descansou até que tudo de fato acontecesse.

O inauguração, realizada em 12 de março de 1976, marcou o primeiro e único encontro binacional de governos militares na cidade. Na época, em regime ditatorial, os dois governantes não poderiam aterrisar no mesmo aeroporto, pois o encontro poderia ser visto como uma trama combinada por interesses políticos. Geisel desceu direto em Presidente Prudente, enquanto Stroessner em Londrina e chegou até as terras prudentinas de helicóptero.

Apesar de ser um alvoroço e o evento ter sido um

sucesso, o governo militar tinha restrições. Por essa razão, na mesa de inauguração do evento, ao lado dos presidentes, só puderam estar presentes Gabriel e outros dois representantes da classe pecuarista, Farhan Buchalla e Hiroshi Yoshio. As demais pessoas tiveram que acompanhar tudo de longe.

Assim como na medicina, Gabriel era muito prestigiado e reconhecido por seus feitos na pecuária, especialmente por ter ajudado na criação da Feira de Exposição de Animais de Presidente Prudente, ser um dos grandes incentivadores para a construção do recinto de exposições e pelo empenho na melhoria da área nas diferentes fazendas da região.

* * *

Além de seus grandes feitos durante a presidência do Sindicato Rural, em 1988, Gabriel Costa Neto foi reconhecido e premiado em São Paulo, pela Associação Paulista dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador, como o 4º criador mais antigo da raça do Estado de São Paulo.

Apesar de gostar muito de bois, eram os cavalos, em especial dessa raça, que moravam no coração de Gabriel. Principalmente um deles: Topázio do Parapanema. Todos seus cavalos levavam o nome de uma joia preciosa, e, o animal em questão, era de fato

precioso, pois foi campeão nacional da raça em Curitiba, no ano de 1969.

Gabriel conheceu Topázio por acaso, em 1964, quando estava em uma viagem a Minas Gerais com os filhos, Marina e o sobrinho José Olavo, filho de América. A ideia era mostrar aos familiares suas raízes mineiras. Na ida, passaram por Belo Horizonte e o carro fundiu no meio do caminho. Enquanto esperavam consertar, conheceram a fazenda de Antônio Pitangui, em Curvelo (MG).

Na época, Gabriel ficou encantado com os cavalos que viu por lá e comprou Topázio, que ainda era um potrinho, e mais 20 éguas. Encheu um vagão de trem e mandou trazer para a fazenda São Sebastião e, mais tarde, para o Haras Topázio, construído em Martinópolis (SP).

O haras era o destino preferido de Gabriel que, sempre que podia, saía do consultório e ficava por lá a tarde inteira. Ele montou a cavalo até os 70 anos de idade. Topázio era o seu preferido e ficou com a família por mais de 20 anos até seu óbito, aos 22 anos, em 1986.

* * *

Gabriel era, inegavelmente, uma figura popular na cidade de Presidente Prudente, porém, nunca havia sido reconhecido por isso. Não até 1996 quando

recebeu, aos 77 anos, da Câmara de Vereadores, o título de Cidadão Prudentino pelos serviços prestados à comunidade desde sua chegada, em 1950.

O prêmio era um símbolo de consagração para pessoas que exerciam um bom trabalho em prol da sociedade prudentina. Em outras palavras, um agrado da cidade e, no caso de Gabriel que veio de fora, servia como uma nova “certidão de nascimento”, oficializando-o como prudentino.

No dia do evento, 9 de agosto, a família do médico estava ansiosa e feliz com o título.

— Você merece esse prêmio, Biéco! Tenho muito orgulho e fico feliz em poder presenciar isso — disse América, emocionada pelo reconhecimento do irmão.

Gabriel, como de costume, trocou algumas palavras com a irmã antes da cerimônia começar. Era um dia especial e seu coração sentia isso em cada batida.

Uma das netas de Gabriel, Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, com 17 anos, recitou um poema especialmente escrito para o avô. Era a primeira vez que a jovem lia em público e marcou ali tudo aquilo simbolizava: a oficialização de que Gabriel havia construído, naquela cidade do Oeste Paulista, o seu lar.

O silêncio era intenso no salão, Carolina pegou o microfone, subiu ao palco e encarou as dezenas de pessoas que ali estavam presentes. Olhou para o papel

em sua mão e procurou pelo avô. Ao encontrá-lo, percebeu que lá estava aquele que sempre a encorajava. Era lindo vê-lo sendo reconhecido por seu trabalho e, mais bonito ainda, poder fazer parte desse evento.

Declamou os versos com facilidade. As palavras escorriam de sua boca carregadas de emoção e amor em cada linha daquele poema. Alguns minutos depois, o espaço acendeu em palmas e algumas lágrimas de emoção. Gabriel, contido, esperou que a neta descesse do palco para parabenizá-la. Para ele, que nunca se importou com reconhecimento, aquela noite foi especial, porque estava ali, com toda sua família.



Uma nova vida

A chegada de um novo milênio, os anos 2000, anunciava uma grande festa na família Costa: a comemoração dos 50 anos do casamento de Costa Neto e Marina. O casal comemoraria a famosa Bodas de Ouro. A união foi celebrada na Igreja Matriz de Presidente Prudente, onde os filhos, os netos, genros, noras, parentes do Rio de Janeiro e até de Los Angeles, além dos amigos da família, estiveram presentes.

Foi um dia especialmente dedicado ao amor dos dois, cheio de homenagens e, é claro, de festa. Depois da missa, os convidados foram recepcionados na Casa do Médico. No evento, que durou até às 5h da manhã e foi animado pelo Grupo Chorus, Marina usava um vestido dourado e esbanjava brilho nos olhos, além de um sorriso sincero. Já Costa Neto vestia terno, usava um relógio no punho esquerdo e contava com a fiel companhia do seus óculos. A aliança reluzia na mão dos dois.

Em meados de 1996, quando Costa Neto decidiu que era hora de fechar o consultório da Rua Dr. Gurgel, foi convidado por José Renato Sampaio Tosello a atender no consultório dele na Avenida Washington Luiz.

Se o reconhecimento de Costa Neto como médico era visível entre os pacientes, não era diferente entre os outros médicos, que sempre o olhavam como um exemplo de homem e profissional íntegro, respeitável. Afinal, esteve disposto a trocar experiências, conhecimentos, responder às dúvidas, ajudar e também impulsionar aqueles que estavam começando. Foi assim com o recém-formado médico José Renato Sampaio Tosello, filho de Jacob Tosello, ex-agrônomo da Secretaria do Estado de São Paulo, de quem Gabriel era amigo.

Tosello, ainda menino, compartilhou as salas de aula e os corredores do I. E. Fernando Costa com Mário, Otávio e João. Formado, o jovem decidiu que seria médico e partiu de Presidente Prudente para estudar na Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Na década de 1980, Tosello retornou à cidade natal. Faltavam 15 anos para Costa Neto se aposentar e foi a profissão em comum que uniu os dois homens tão distintos na

idade e na aparência física, mas tão apaixonados pela mesma área: a Ginecologia e Obstetrícia.

Nesse período, Costa Neto passou a ajudar Tosello no campo cirúrgico. Durante cerca de oito anos, foram companheiros de trabalho no consultório. Pelo menos duas vezes na semana, antes de toda cirurgia, que normalmente começava às 6h30 da manhã, Tosello tomava um café quentinho na casa do amigo — a bebida era preparada pelo próprio Costa Neto, assim como o pai dele, Orozimbo, fazia todas as manhãs quando moravam em Muzambinho.

Com a troca de local, o médico levou consigo toda clientela que lotava diariamente a recepção. Os pacientes sempre estavam por lá, nem que fosse só para dar um oi, bater um papo, pedir conselhos sobre saúde ou não.

— Estou parando de ser seu médico e agora o médico de vocês é ele — dizia Costa Neto para os pacientes, referindo-se a Tosello.

O apoio de Costa Neto e a troca de experiências e conhecimentos marcariam e transformariam a visão do médico Tosello para sempre e ultrapassariam o campo profissional. As famílias deles viajavam juntas — uma vez, com outros casais, foram juntos para Maceió —, encontravam-se às sextas-feiras para jantar — camarões eram indispensáveis e a conta era sempre

paga pelo médico, que fazia questão. Esses momentos sempre eram interrompidos pelo cumprimento de algum admirador, de alguém que tivesse nascido graças ao trabalho de Costa Neto. Isso quando não saíam os dois, apenas ele e Tosello, para tomar uma cerveja gelada no bar H2 ou no bar do Aruá Hotel, após um longo dia de trabalho.

* * *

Com o passar dos anos, as doenças começaram a aparecer. Gabriel descobriu que era diabético. Ele que sempre estava rodeado de doces desde a infância! A esposa, Marina, cresceu frequentando a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, fundada em 1894, considerada patrimônio artístico e cultural da cidade. Lá, ela experimentou diversos doces e, quando casou, sempre os fazia em casa. Aquelas mãos mágicas preparavam um bolo que até hoje faz salivar quem um dia já provou. Ela o chamava de Nega Maluca. Na receita, iam cerca de seis latas de leite condensado. Era de fazer os olhos brilharem, a boca aguar, e ele nem precisava estar pronto para isso. Enquanto o bolo assava, os netos já estavam ao pé da avó esperando-o ficar pronto. Comer um pedaço só era impossível e quando se pensava em repetir, ele desaparecia como

em um passe de mágica. Potes de sorvete, gelatina colorida, adis abeba, bolo de nozes... À mesa nas reuniões realizadas pelo casal, nos aniversários, no Natal e no Ano Novo, sempre possuía uma fartura de sobremesas. É complicado resistir aos efeitos e os prazeres que o açúcar provoca no corpo, mesmo que em pouca quantidade e até mesmo para um médico.

A família costumava almoçar junta aos domingos. Em um desses dias, quando estavam prontos para sair, Marina percebeu que o esposo estava pálido, suava excessivamente, um suor frio. Então, resolveu ligar para a neta Carolina, filha de Mário.

Quando Carolina chegou na casa dos avós, encontrou Gabriel deitado, com uma aparência estranha. Assustada, a neta mediu a pressão do avô, mas estava normal. Decidiu ligar para Tosello que recomendou que ela fosse medindo a glicemia de Costa Neto, ou seja, a quantidade de açúcar no sangue. Normalmente, a média recomendada durante um dia de refeições comuns não pode ser abaixo de 70 mg/dL. A de Gabriel estava baixíssima, em torno de 30 mg/dL. Quando Tosello chegou na casa do casal, disse à Carolina:

— Pega um copo de Coca-Cola agora!

Carolina correu para a cozinha, mas só tinha Coca-Cola zero.

— Não, não adianta. Ele precisa de algo com açúcar. Pega um café, então, com muito açúcar — só tinha café com adoçante. Então, Tosello disse para Carolina ir até uma padaria comprar algo doce. Foi quando Costa Neto, praticamente desfalecido, disse lentamente:

— Calma... Espera... Tem chocolate escondido naquela gaveta — apontando para o guarda-roupa. Ele guardava, escondido, bombons Sonho de Valsa.

Depois de saborear os chocolates, em 15 minutos Gabriel estava bem novamente. Com a aparência revigorada, ele queria sair para almoçar. Carolina, preocupada, tentou convencer o avô a ficar em casa, mas a tentativa não teve sucesso. Saíram, juntos, para almoçar naquele domingo ensolarado que só Presidente Prudente é capaz de proporcionar.

* * *

No dia 16 de janeiro de 1996, Pedro Henrique Silveira, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP) na época, assinava o cancelamento da inscrição do Dr. Costa Neto na entidade. Na carteira de trabalho do médico, em letra cursiva, está escrito o motivo: “aposentadoria”. Depois de 49 anos da formatura na EPM — aquela noite

inesquecível, o 1º aluno a ser considerado o melhor da sala — e 39 anos após a inscrição de Costa Neto no Conselho, era hora de parar.

Ter a consciência desse fim fez com que Costa Neto envelhecesse dez anos em dez meses. O menino Gabriel cresceu, se transformou no Dr. Costa Neto criou os filhos, os netos, conquistou amigos e pessoas graças à profissão que, ainda rapaz, escolheu. Ele tinha feito do nome “Neto”, cuja função era diferenciá-lo do avô, um sobrenome, um marco, sua identidade. Como seria agora? O que faria?

Parar nunca foi uma opção para Costa Neto. Ele continuou cuidando das fazendas, frequentando a SMPP semanalmente - chegou até a ser o presidente permanente da Associação de Ex-presidentes da sociedade, fundada durante a gestão do Dr. Alberto Rodrigues.

Quando os problemas entre a classe médica surgiam, era Costa Neto que intermediava, aconselhava os companheiros de profissão -, além de passar horas e horas dentro do escritório rodeado das enciclopédias Delta, Barsa, dos livros de medicina, dos quadros de cavalos, escutando música clássica, visitando a irmã América, amando Marina, seu “amore mío”, cada dia com mais intensidade, lendo as poesias de Victor Hugo, recortando jornais para cada neto so-

bre temas que lhes agradavam, vendo-os crescerem. Procurando, quem sabe, motivos para continuar dedicando-se a outras paixões, não tão fortes como a que sentia pela medicina, mas essenciais àquela nova fase, àquela nova vida.



Aquele Carnaval

Uma das coisas que Gabriel sempre gostou de fazer em seu tempo livre era visitar as fazendas, que agora eram de seus filhos, e isso não mudou após a aposentadoria.

Mas naquele Carnaval nos primeiros meses de 2010, Gabriel já estava um pouco debilitado, não saía de casa, mal fazia suas atividades diárias e, toda noite, tinha que se submeter à diálise. Apesar de ter a companhia de um enfermeiro particular, seus filhos revezavam para passar os dias com Gabriel.

Aquela semana, quem estava responsável pelos pais era a caçula da família, Marina. A viagem era longa, de ônibus, até Presidente Prudente e, sempre, a hora que mais lhe doía o coração era a despedida.

— Não vai não, fica mais um pouco — o pedido era comum e isso só deixava a viagem de volta a Rio Brilhante ainda mais triste.

Lembrava dos gemidos do pai ao fazer diálise, das recusas em fazer o tratamento, tudo isso deixava

o coração de Marina apertado e, quando partia, era comum que os irmãos ligassem para ela conversar com o pai, já que ele sempre a escutava.

Para Gabriel, era terrível a sensação de não conseguir ser mais tão ativo quanto antes. Por isso, adorava ouvir as histórias que os filhos e sua irmã América tinham para contar, gostava de saber sobre a rotina e, principalmente, relembrar histórias antigas da família.

No meio de uma dessas conversas, a filha mais nova, Marina, disparou:

— Pai, o senhor precisa ver, fiz a entrada da fazenda toda de ipês, vai ficar linda! — disse se referindo a sua fazenda, São Gabriel, em Rio Brilhante.

A resposta foi imediata:

— Vamos, gostaria tanto de ver as fazendas novamente — pediu.

Marina passou a mão pelos cabelos loiros, olhou para os pés e ficou pensativa. Sabia que era arriscado expor o pai a uma viagem de mais de 430 km até a fazenda no Mato Grosso do Sul, mas, por outro lado, sabia da paixão dele pelas fazendas e o quanto a visita lhe faria bem. Apenas assentiu com a cabeça em resposta e saiu do quarto onde Gabriel estava repousando.

Foi até a sala, pegou o celular e ligou para seu

irmão mais velho, Mário.

— Papai quer ir para Rio Brilhante — jogou as palavras na expectativa de uma resposta certa.

— Se ele quer ir, vamos levá-lo.

— Vou conversar com o enfermeiro.

* * *

Tudo pronto para seguir viagem, a estrada até Rio Brilhante estava em construção naquela época e o trajeto poderia levar mais tempo do que o habitual. A família se dividiu em dois carros. Um deles, dirigido pelo motorista, Antônio Alves de Lima, o Toninho, que levava Marina, Gabriel e o enfermeiro. Já o outro, dirigido pela filha do médico, levava os aparelhos de diálise, a cadeira de rodas do pai e sua tia, América.

— Toninho, siga o meu carro na estrada, porque teremos uma área em obras no trajeto e não quero que isso atrase a viagem — pediu Marina.

— Combinado — respondeu o motorista que já estava pronto para dar partida.

No caminho, enquanto o casal descansava no banco de trás e o enfermeiro de Gabriel tirava um cochilo no banco do passageiro, Toninho não pode deixar de se lembrar das inúmeras vezes nos últimos oito anos em que viajou por aquela estrada com Costa Neto.

Foram tantas idas ao Mato Grosso do Sul, seja para Rio Brillhante ou para Dourados, cada passeio era marcante. Em quase todos eles, uma coisa era tradição: parar em Bataguassu para almoçar no restaurante Maçarico que servia uma deliciosa comida caseira e peixes que Gabriel adorava.

Dessa vez, porém, não teria almoço. Marina, no carro logo a frente, andava depressa e Toninho não queria perder o carro de vista, então seguia pelo trajeto sem pestanejar.

Embora a grande maioria das memórias fossem boas, o motorista sabia que o tempo estava passando e, com a idade de seu patrão, algumas coisas mudaram. Sabia que ele já não era mais a mesma pessoa saudável e ativa de antes. Nas últimas viagens, coisas como pressão baixa, palidez e vontade de voltar embora para casa eram comuns em Gabriel.

Toninho se lembra de um episódio específico em que caminhava pela fazenda com o médico e ele começou a ficar pálido. Preocupado, correu para a sede e buscou um copo de água com açúcar para o patrão. Já não existia mais aquela rotina agitada, as viagens diminuíram, o velho motorista e companheiro da família sabia que algo já não estava bem.

* * *

Chegando em Rio Brilhante, embora o trajeto de carro durasse quase seis horas, para o motorista a sensação era de que nunca havia chegado ao Mato Grosso do Sul tão rápido.

— É falta de costume — disse Marina rindo enquanto ajudava seus pais a descerem do carro.

Gabriel sentou na cadeira de rodas e logo pediu para passear pela fazenda. Estava admirado com os ipês que a filha havia lhe contado, apesar de ainda não estarem floridos. Ele acreditava que seriam ainda mais bonitos do que imaginara.

— Uma pena que eu não estarei aqui para vê-los florir — disse o médico com um tom de melancolia na voz. A filha não soube bem como responder aquele comentário, apenas segurou a cadeira de rodas e guiou o pai até sua estadia dos próximos dias.

Gabriel e Marina ficaram acomodados na fazenda Mata Sede, junto com Mário e seus três filhos. Era carnaval então todos estavam reunidos na fazenda. Era aquele clima único de celebração e festa em família, todo mundo estava animado e feliz com a presença dos dois.

— Vamos andar! Quero ver a fazenda toda — pediu o médico, a quem cada minuto daquela viagem parecia precioso.

Mario e Marina saíram ao lado do pai em um tour de carro pelas fazendas, entraram na cocheira da

São Gabriel, que ele ainda não conhecia. Deram uma volta por toda a extensão das fazendas Mata Sede, São Gabriel e Pampa.

— Está tudo muito bem cuidado, fico feliz em ver que estão sabendo administrar — disse Gabriel. Embora não fosse muito de parabenizar, era perceptível que estava orgulhoso de todos seus filhos.

* * *

Era quase hora do almoço, o que mais se ouvia na Mata Sede eram risadas, conversas e um intenso aroma de comida sendo preparada, churrasco, peixe frito e diversos tipos de sobremesa, do jeito que Gabriel gostava.

Na ocasião, estavam a esposa e os filhos Mariana, Mário e Otávio, cada um com seus filhos; a irmã de Gabriel, América; um amigo de longa data, Milton Staut, e alguns velhos amigos do médico que moravam pela região. Apenas seu filho, João, não pode estar presente, na ocasião estava em Santos (SP), a mais de 1.000 km dali.

Aqueles dias de carnaval foram uma das lembranças mais felizes da família Costa, tudo colaborava para ficar marcado na memória: as manhãs ensolaradas, os almoços recheados de boas risadas, os passeios pelas fazendas e as conversas com Gabriel.

O sentimento que pairava no ar era especial demais para não ser registrado. Então, o que não faltaram foram fotografias de todos os momentos.

Naqueles dias, talvez ninguém da região soubesse, mas Rio Brillhante era mais do que uma simples cidade que abrigava fazendas. Era o local onde as memórias de uma família seriam lembradas e novamente registradas, momentos que marcariam para sempre a vida de quem ali esteve presente.

* * *

De volta a Prudente, a filha, Marina, precisou internar Gabriel no Hospital Iamada para fazer alguns exames, o motivo era a soma de grandes fatores que se acumularam com o tempo como: um câncer de próstata e questões etárias.

— Aquele moço, o Roberto, que estava lá no quarto doente, não está mais aqui? — indagou a esposa de Gabriel, dona Marina, que há um tempo havia começado a demonstrar falta de memória, à filha.

Alguns familiares acreditavam que, depois que o marido começou a adoecer, a mente dela começou a desligar, talvez para evitar o sofrimento que poderia estar prevendo. Ninguém sabia ao certo, mais tarde o diagnóstico, a demência senil já dava seus indícios iniciais.

— O papai? Levei ele para fazer uns exames no hospital — respondeu a filha Marina surpresa com a confusão feita pela mãe, não imaginava que a falta de memória já estava atingindo níveis como aquele.

Ainda assim, Marina se arrumou e pediu para que a filha a levasse até o hospital. Queria visitá-lo, ver de perto como estava.

Ao chegarem no hospital, já no quarto, Marina se aproximou da cama e observou por alguns minutos o senhor um pouco cansado e pálido na cama. O silêncio pairava no ambiente até que se virou e perguntou:

— Podemos ir? Ele precisa descansar.

Marina guiou a mãe até a saída e, daquele dia em diante, nunca mais voltaram ao hospital. Gabriel estava bem ruim, se recusava a utilizar a sonda de alimentação e a esposa, depois daquela visita, parece ter se fechado ainda mais em seu novo mundo de memórias escassas.

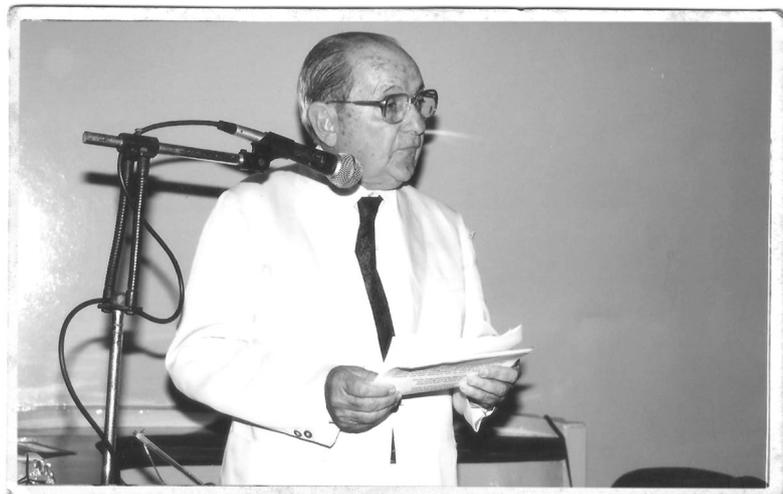
Na volta para casa, o silêncio no carro parecia dizer algo para mãe e filha: o tempo estava curto. Tudo a partir de agora estava carregado com uma estranha sensação de despedida. Era triste pensar sobre aquilo e assustador ao mesmo tempo, mas não havia indícios que provassem o contrário. Infelizmente, tudo caminhava para o fim.



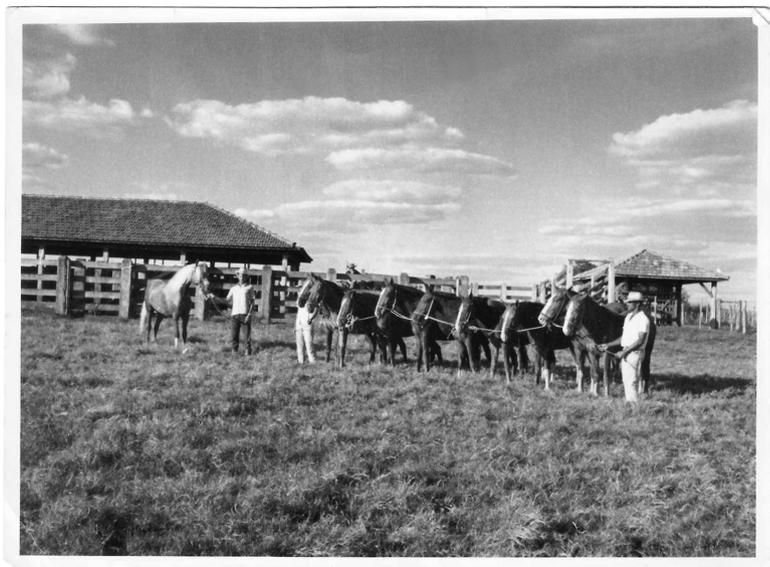
ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA









ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA







ACERVO DA FAMÍLIA COSTA



ACERVO DA FAMÍLIA COSTA





Não parar

Dona Marina, você já está aqui há um mês, precisa descansar, pode voltar para casa, entraremos em contato caso exista alguma novidade — disse um médico que já estava preocupado de ver a filha de Gabriel passar dias e dias em frente à UTI na expectativa de melhoras do pai que, infelizmente, estava em um quadro grave.

Gabriel já não queria se alimentar, recusava-se a aceitar sondas de alimentação, não falava mais com os enfermeiros e não aceitava conversar com ninguém. Para a filha, presenciar tudo isso era de cortar o coração e decidiu seguir o conselho dos médicos.

Aquela viagem até Rio Brilhante, nunca tinha sido tão demorada e pesarosa para Marina. No caminho, se recordava de tudo o que havia acontecido no último mês, pensava na mãe que estava cada vez mais imersa em um universo particular de memórias, pensava nos irmãos, nos sobrinhos e também em seus filhos que estavam sofrendo com aquela situação.

Marina chegou na fazenda São Gabriel e logo foi

visitar sua filha, Mariana Costa Binote. Queria espai-recer um pouco a cabeça depois do pesar dos últimos dias. Então, no dia seguinte, logo pela manhã, pegou a estrada e enfrentou os 50 km até Dourados, cidade em que Mariana morava.

Saíram pela cidade mesmo sem saber ao certo o que fazer para matar o tempo, mas algo era fato: Marina queria distrair a mente, lembrar causava dor e já estava sofrendo demais. Já era quase fim de tarde quando mãe e filha voltavam para casa, o silêncio que pairava era pesado e agonizante, mas não durou por muito tempo. O barulho do celular tocando cortou o ar como uma faca afiada pronta para atingir quem estivesse pela frente ou quem atendesse à ligação.

Marina pegou o aparelho do bolso, no visor um nome era indicado e com ele um súbito aperto no coração: era Mário. Os próximos minutos foram de apreensão, a mãe se afastou, sentou à mesa da cozinha enquanto a filha estava no sofá sem saber muito o que estava por vir.

— O vô descansou — disse Marina de olhos fechados ao cruzar a porta da sala.

Naquele momento, o silêncio sucumbiu. Na sala só se ouviam gritos e soluços de uma jovem neta em desespero com o que acabara de ouvir da mãe, ainda sem saber digerir, só conseguia pensar nos últimos momentos em que estava com o pai há dois dias.

Um mês antes...

— Marina, vem pra Prudente porque o papai só quer falar com você — disse João ao telefone.

Marina arrumou as malas depressa e pegou a estrada, sabia que o pai estava mal e tentava se preparar para qualquer coisa que pudesse acontecer, mas, ao mesmo tempo, não queria pensar muito sobre isso.

Ao chegar no Hospital Iamada, as notícias não agradaram. Gabriel precisaria ir para a UTI, porque estava se recusando a receber alimentação e não poderia morrer de fome. Então, os médicos chamaram Marina e João e deixaram nas mãos de ambos a decisão.

Marina sabia que Gabriel não queria ir para a UTI, em outra ocasião ele já havia implorado para que não fosse levado. Porém, por outro lado, sabia que não poderia assumir os riscos, que era a melhor escolha a ser feita. Então, com o aval de João, pediu aos médicos que transferissem o pai do quarto para a UTI onde ele receberia uma sonda de alimentação e logo depois retornaria para o leito.

— Vocês dois são responsáveis pela sua mãe, não é para faltar nada para ela, não é para mudar nada — suplicou um Gabriel cansado e ofegante em uma maca que o levaria para a UTI.

João e Marina receberam aquele pedido com um misto de emoção e preocupação. Era lindo o afeto que o pai tinha pela mãe, mas, ao mesmo tempo, o fato de parecer uma despedida tornou a situação estranha e conflitante. Parecia que Gabriel já sabia o que estava por vir, naquele momento, era o mais lúcido de todos.

Logo chegou Otávio e os filhos de João, Mônica e João Gabriel, todos na recepção do Iamada com o mesmo temor no olhar. Otávio estava na fazenda Pampa, no Mato Grosso do Sul, mas, ao receber uma ligação de sua esposa dizendo que Gabriel gostaria de falar com ele, seguiu viagem rumo a Prudente imediatamente.

O horário de visitas da UTI estava próximo e a ansiedade já atingia níveis estrondosos. Otávio foi o primeiro a entrar para ver o pai.

— Meu filho, eu vou morrer — disse Gabriel envolto de aparelhos barulhentos que se destacavam em meio ao silêncio dos corredores da UTI.

— Não vai, pai — respondeu Otávio, segurando para não demonstrar algum sinal de que havia incerteza em sua fala.

— Preciso te dar algumas ordens, a principal delas é cuidar da sua mãe. Você não pode deixar faltar nada para ela.

Otávio prometeu ao pai que faria o que ele pediu, mas afirmou mais uma vez que tudo ficaria bem,

a esperança é que isso de fato se confirmasse. O filho deixou o hospital e foi até sua casa para tomar um banho e retornar.

Ainda no Iamada, toda a família se organizava na recepção para fazer as visitas. Foi João, Mário, os netos e todos que saíam da UTI tinham um semblante atordoado e até um pouco traumatizado. A filha Marina, que aguardava sua vez, não compreendia muito bem o motivo daquilo.

Foi só no próximo horário de visitas que Marina entendeu. Ao lado da sobrinha Mônica, entrou na UTI para ver o pai e a cena trouxe um arrependimento imediato de estar ali.

Gabriel estava amarrado na maca porque estava se recusando a receber a sonda de alimentação, bravo e estressado não queria permanecer ali. Segundo os médicos, ele já havia pedido para que os aparelhos fossem desligados. Ao que tudo indicava, para Gabriel, sua missão na terra já havia sido cumprida e ele não tinha grandes objetivos para continuar.

As semanas que se sucederam foram regadas de muito café, noites mal dormidas, horas de espera na recepção e apreensão. A debilitação de Gabriel aumentava gradualmente. Tosello que, além de grande amigo, era médico, sabia que a situação estava piorando.

Esse era o cenário, até que a situação se agrava

verdadeiramente com falência múltipla dos órgãos.

* * *

Os telefonemas não paravam, as caixas de mensagem começaram a ficar lotadas. Otávio estava em casa quando Tosello ligou para dizer aquilo que ele não acreditava que aconteceria.

A filha do meio de Mário, Gabriela, se recusava a atender o telefone naquele dia. Ela sabia que havia acontecido algo, lembrou-se da visita que fez ao avô naquela mesma semana. Ele estava entubado, bravo e incomodado por não conseguir fazer nada além de permanecer deitado em uma cama. A neta sabia da aflição que Gabriel tinha em deixar a avó desamparada, por isso, naquela última conversa, garantiu ao avô que tudo ficaria bem. Após essas palavras, os olhos do velho médico se fecharam e ele caiu em um sono tranquilo.

Enquanto isso, a caçula de Mário, Carolina atendeu prontamente o celular ao receber uma ligação do pai. Havia acabado de deixar sua filha, Maria - que era um bebê - na casa de sua sogra e estava a caminho da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), era fim de semestre, Carolina havia acabado de retornar da licença maternidade e tinha uma reunião de professores marcada.

Contudo, a notícia que Mário tinha para dar mudou os planos no mesmo segundo. Há dois dias, a professora de Jornalismo havia visitado o avô e a imagem que estava em sua memória era de um senhor desfigurado, com a pele caída e de fisionomia diferente da habitual.

Naqueles próximos momentos a vida de Carolina foi uma correria. Cancelou a reunião, ligou para os jornais e avisou o ocorrido. Na manhã seguinte, o falecimento do renomado Doutor Costa Neto tomava a imprensa local. Um dos jornais impressos da cidade em 2010, o Oeste Notícias, colocou uma tarja preta em sua capa para notificar a perda.

Carolina sabia que o avô sempre teve muito medo de morrer, por essa razão, sempre foi precavido. Tinha testamento e se preocupava a todo instante com o futuro dos filhos, dos netos e, principalmente, da esposa Marina. Por isso, ela sabia: deveriam estar ainda mais perto da avó, embora sua memória estivesse grandemente afetada, ao receber a notícia, tudo poderia piorar.

Foi assim naquele dia, 22 de junho de 2010. Gabriel Costa Neto, aos 90 anos, deixou à família e à cidade de Presidente Prudente um legado, uma imagem de liderança e de grandes contribuições para o município.



O legado

Não era uma ilusão. Era real. Era esperado, sim, mas nem por isso menos doloroso, nem por isso aceitável. Ao vê-lo ali, a história da vida de Gabriel passava à mente de todos: o menino que costumava levar bronca dos professores, que decorava poemas, que cresceu e enfrentou os mistérios da grande São Paulo e decidiu que seria médico; um homem perdidamente apaixonado pela mulher com quem compartilhou sonhos, viagens, danças, momentos únicos durante mais de cinco décadas, que construiu a vida em Presidente Prudente e estava sempre indo e vindo, disposto a cumprir o juramento de prezar pela saúde humana.

O local para a despedida não poderia ser outro. Foi no salão da Casa do Médico, onde Costa Neto compartilhou tantos momentos ao lado da família e dos companheiros de profissão, que incontáveis pessoas prestaram homenagens e demonstraram gratidão pela existência dele.

Alguns anos antes, em 1996, ao passar por uma cirurgia, o médico acreditou que as chances de um homem na idade dele e ainda por cima diabético não resistir eram grandes. Preocupado, escreveu uma carta aos filhos pedindo para que eles dessem “toda e absoluta atenção à Marina”, companheira “adorável”, “tão sensível e carinhosa”, que havia dedicado sua vida àquela família. Ao saber da morte de Gabriel, a mente de Marina divagou, não assimilou a situação. Pouco tempo depois, ela estava chorando e queria despedir-se do homem que amava.

Quando chegou ao velório, Marina deu um abraço no marido e ficou ao lado do caixão, sentada em uma cadeirinha, rodeada por familiares e amigos, pessoas que tantas vezes visitaram o casal ou os receberam em suas casas em momentos de alegria e que agora estava ali, naquele momento tão triste. Foi quando Marina disse para a neta Carolina algo que a família acreditou ser um escape, uma forma que a memória de Marina encontrou de mantê-la viva sem a presença de Gabriel:

— Gozado, todo mundo está vindo dar meus sentimentos para mim, e não estou entendendo o porquê.

A neta respondeu que era por causa da morte do avô e Marina retrucou:

— Acha! Esse não é o Gabriel, não. O Gabriel deve estar andando por aí.

Marina passou o resto de sua vida acreditando que Gabriel estava realizando algum parto, talvez passando algum tempo na Fazenda São Sebastião, cuidando do gado, mas logo voltaria para casa cheio de histórias para contar e jantaria com ela.

* * *

As fotografias espalhadas nos móveis da casa não deixavam que Marina esquecesse Gabriel. Quando olhava as fotos com o marido, sempre dizia que aquele era seu “namorado”. Uma das características do Alzheimer é a regressão, passa-se a sentir falta das primeiras fases dos momentos da vida e a ignorar inconscientemente o presente. O namoro foi a primeira fase dela com o esposo. Sobre ele, a mente de Marina resolveu guardar o início do relacionamento, o começo daquela paixão. Vez ou outra, os filhos ou os netos encontravam Marina chorando. Quando perguntavam o motivo, ela respondia:

— Saudades da minha mãe.

Ela nunca chorava de saudades do marido, mas por que choraria? Para ela, no universo pessoal que habitava, não havia motivos para isso. Nunca houve.

Com a perda da memória, outras doenças começaram a afetar Marina. A artrose impedia que ela abrisse as mãos, infecções começaram a surgir, primeiro uma urinária, depois uma no ouvido. Sair de casa era impossível, por isso os médicos cuidavam dela na residência. Com o tempo, a situação só foi se agravando. Chegou um período que nem os antibióticos faziam efeito. A possível solução era uma cirurgia. Se não operasse, a infecção chegaria ao cérebro e a deixaria parálitica. Não foi fácil tomar a decisão, mas, aos 97 anos, Marina encarou um centro-cirúrgico.

A família entendeu que aquele momento era uma despedida. Todos acreditavam que ela não resistiria, que não havia mais sentido para resistir. Eles estavam ali, prontos para dar mais um adeus, dessa vez para Marina, o outro prato da balança que era a fortaleza e o equilíbrio, ao lado de Gabriel, da família.

Durante duas horas, a cirurgia de Marina deixou todos na sala de espera do hospital agoniados. Na operação, foi necessário retirar um pedaço do crânio, mas tudo correu bem. Ao invés de passar três dias na UTI, em menos de 24 horas ela já estava em casa. Com a cabeça enfaixada, ela continuou no seu mundinho próprio, cada vez mais distante e inexpressiva. Fazê-la sorrir era impossível. Um mês depois, a infecção estava de volta.

Desde a descoberta da doença de Gabriel, os filhos Mário, João, Otávio e Marina, revezavam-se para cuidar dos pais, eles passavam pelo menos uma vez ao mês em Presidente Prudente. Após a morte do pai, continuaram cuidando da mãe.

No começo de 2017, os filhos de Marina, Mariana e Gabriel, foram morar com a avó depois de terem passado no vestibular. Mariana dormia no antigo quarto da mãe e Gabriel no quarto que pertencia ao tio João. Escutavam samba, tocavam pandeiro, assistiam aos jogos de futebol na televisão. Foi assim durante seis meses: os netos, as enfermeiras e Marina, que viveria por mais um ano.

* * *

Os últimos dias de Marina foram tranquilos ao lado de sua única filha. Juntas, elas foram ao médico, passearam... Até que, em 7 de julho de 2018, alguns dias após a filha viajar para a Irlanda, Marina descansou e foi encontrar seu grande amor, Gabriel. Eram 23h. Marina estava internada em uma área isolada do hospital, em virtude de uma forte bactéria. Na ocasião, o filho João estava ao seu lado. Foi o último a ver a mãe sorrir; ela, que dificilmente dava risada naquele estágio da doença.

Grande parte da família estava no Mato Grosso do Sul, na Fazenda Mata Sede, comemorando o aniversário de Carolina, uma tradição que aproveita o clima das festas juninas e se perpetua até hoje. Aos poucos, a notícia foi chegando aos outros parentes, aos amigos. A neta Beatriz foi acordada com o telefone tocando depois da meia-noite. Antes mesmo de atender a ligação, ela já sabia o motivo. A filha Marina estava viajando, na Irlanda, quando recebeu a notícia da morte da mãe.

Ao saber do acontecido, Marina sentiu pânico, de madrugada, em um país que não era o dela. Tão distante, a única coisa que conseguiu fazer foi procurar a guia responsável pela viagem e explicar a situação. A mulher, um anjo na vida de Marina naquele momento, conseguiu uma passagem de Dublin para Madrid e, por fim, de São Paulo para Prudente.

Na parada em Madrid, o voo atrasou cerca de quatro horas. Na mente de Marina, o questionamento era um só: por que a mãe não havia lhe esperado? A emoção falou ainda mais alto quando a filha descobriu que no mesmo voo que ela, para São Paulo, havia outra moça compartilhando da mesma dor. O problema era que essa mulher chegaria a tempo de ver a mãe sendo enterrada, Marina provavelmente não. Ela continuava inconformada com a situação, seu conso-

lo foi um simples telefonema do filho Gabriel.

— Oi, mãe.

— Oi, filho. Por que ela não me esperou? Por quê?

— Mãe, fica calma. Eu estou indo te representar.

Realmente, Marina não conseguiu se despedir da mãe. Não durante o velório. Quando chegou à cidade, tomou um banho, almoçou, comprou flores e foi ao cemitério. Sua despedida foi um processo particular. Ela ficou um mês tentando compreender porque não conseguiu chegar a tempo. A ficha só caiu realmente quando, certo tempo depois, foi ao velório do pai de uma amiga da filha Mariana e pensou: “é disso que Deus queria me livrar?” O coração dela dizia que sim. Foi quando entendeu, enfim, que ambas as missões, a dela e da mãe, foram concretizadas.

* * *

O fato é que os natais sem Gabriel e Marina nunca mais foram os mesmos. E o que fazer quando chegarem aos ouvidos ou aos olhos as histórias que ambos viveram juntos? Ora, recontá-las! Assim, ainda será possível encontrá-los por aí, seja nos traços da aparência de Mário, Otávio e João; na força de Marina; na fotografia do casarão de Muzambinho que América guarda até hoje; na história da medicina e

da pecuária prudentina; na placa de uma ala da Santa Casa da cidade; no nome do filho de Marcelo; no exemplo para Gabriela, Carolina, João Gabriel e Mônica; no orgulho de Tosello ao relembrar a amizade com o companheiro de profissão; na infância de Mariana, Maísa e Gabriel; na saúde dos filhos de Cândia; nas terras das fazendas que conquistou, onde adorava andar a cavalo com Marina; na maletinha, já com a pintura gasta e que ficou com a neta Beatriz, na qual ele guardava o termômetro de ouro, o estetoscópio e o medidor de pressão e que representa um universo de histórias, conquistas, nascimentos, de vida. É possível encontrá-los em várias vidas, que continuam e continuarão pulsando, como uma veia que impulsiona o sangue para os órgãos do corpo e os mantém funcionando.

Epílogo

Durante duas décadas e meia tive o privilégio de conhecer e conviver com o Dr. Gabriel Costa Neto, mais conhecido como “Dr. Costa Neto”. Desta forma, farei referências não somente ao grande profissional que era, mas também ao meu ilustríssimo e querido amigo. Tão logo o conheci, avistei nele inúmeras qualidades, dentre as quais, algumas serão descritas aqui. Tantas outras estão guardadas nas boas lembranças daqueles que como eu foram agraciados com sua amizade e afeição.

Conheci a sua família em meados de 1960, por ter idade próxima dos seus 4 filhos. Fui colega de classe do Mario Luiz, filho mais velho, no colégio público Instituto de Educação Fernando Costa, popular I.E. Sempre fomos amigos, morávamos próximos e éramos da mesma classe escolar.

Nesta época tinha pouco contato com o Dr. Costa Neto, apesar de meu pai Jacob Tosello (engenheiro agrônomo) ser muito amigo dele. Após algum tempo,

mais precisamente em 1965, me mudei de Presidente Prudente para Campinas, para estudar a quarta série do “ginásio” como era conhecido na época, hoje colegial. Na época eu tinha 15 anos. Retornei a Presidente Prudente como médico, aos 30 anos de idade, em 1980. Desde que voltei a Prudente, devido à proximidade com meu pai, fiquei muito amigo do Dr. Costa Neto, que imediatamente começou a me ajudar como médico me recomendando para muitos pacientes.

Desde a sua formatura em 1947, além de ser aquele médico da família, como todos nós deveríamos ser (na época as escolas de medicina valorizavam o médico clínico - cirúrgico com formação generalista), era o conselheiro da família. Hoje, por orientação do MEC, as faculdades de medicina devem seguir este conceito.

No meu retorno a Presidente Prudente em 1980, já como especialista em ginecologia e obstetrícia, Dr. Costa Neto tinha o consultório lotado de clientes antigos e novos, e também tinha outras atividades empresariais, como presidente do Sindicato Rural, já que sempre foi uma liderança ruralista na região. Lutava incansavelmente pelo desenvolvimento do agronegócio, sempre muito criativo e introdutor de novas tecnologias.

Administrava suas propriedades rurais ao redor de 2.500 alqueires, todas bem localizadas. Fazia a seleção de touros de elite da raça Tabapuã, novidade na época, além de criar e fazer a seleção de cavalos, da raça Mangalarga Marchador (talvez pela origem em Minas Gerais), tendo em uma oportunidade produzido um cavalo campeão nacional, o Topázio, primeiro lugar do Brasil na exposição de Curitiba.

Tudo que fazia, seja na medicina ou como empresário, procurava a perfeição. Formou-se como médico sendo o primeiro lugar da classe, na Escola Paulista de Medicina, em 1947, tendo se formado em primeiro lugar da sua classe.

Nesta época, o Estado de São Paulo só possuía duas faculdades de medicina, e apesar de ter a sua origem humilde no interior do Estado de Minas Gerais, deu início na carreira como médico na cidade de Regente Feijó, depois mudou-se para Presidente Prudente.

Escolheu a especialidade Ginecologia e Obstetrícia, talvez por ter trabalhado na época de estudante de medicina na Casa Maternal, que tinha o maior movimento de partos da cidade de São Paulo, e cientificamente era a melhor do Brasil. Logo então, se destacou na especialidade Ginecologia e Obstetrícia, entretanto, continuou a ser o médico da família, além

de conselheiro e sempre dando a última palavra na conduta médica a ser seguida, profissional raro hoje em dia e sabemos a falta que faz.

Na década de 1940, a formação do médico generalista era o mais importante, a especialidade era secundária. Ser médico era atender todas as especialidades e em qualquer idade, o principal objetivo do curso de medicina era este.

Quando voltei iniciou-se nossa grande amizade, seja profissional ou particular, nos tornamos confidentes, sempre me apoiando nos períodos difíceis.

Devido à nossa especialidade, as cirurgias de urgência eram normais, durante o dia ou de madrugada, isto nos proporcionou inúmeros diálogos. Depois dos assuntos médicos, surgiam os assuntos sobre política, profissionais e empresariais. Tudo o que se pode conversar entre dois amigos sinceros. Ele me contava detalhes da medicina que exercia nas décadas de 40, 50 e 60, que era totalmente diferente da atual.

Eu sempre respondia: *“Vocês médicos, da sua geração, sempre foram heróis. Como faziam a medicina sem o apoio de estruturas hospitalares e de enfermagem mínima?”*. Em pouco tempo nos tornamos amigos confidenciais, apesar da diferença de idade, o que fez também as famílias se aproximarem.

Passamos férias juntos, Dr. Costa Neto e dona Marina me acompanharam junto com Dalva, minha

esposa, e mais três casais de amigos em uma viagem de turismo para João Pessoa, na Paraíba. Inúmeras vezes fui em festas na sua residência ou em suas fazendas, sempre de ótima qualidade, e que sempre terminavam com uma diversificação e fartura de tudo, sendo a tradição da família muitos doces, feito sempre por dona Marina. O casal sempre gostou muito de doces, que nunca faltavam na geladeira seja na sua casa ou em suas propriedades rurais.

Sempre me dizia que entre os 40 e 45 anos de formado, iria diminuir suas atividades na medicina, todavia nós teríamos que ter outras fontes de renda para viver bem em um país com alta inflação e administrado por corruptos, como o Brasil.

No final da década de 1980, começou a diminuir suas atividades como médico e aumentou os números de pacientes que me encaminhava diariamente. Antes do encaminhamento, ele me telefonava (como recomenda a ética médica) informando o nome da paciente, o diagnóstico e qual a conduta médica deveria ser realizada. A paciente vinha para consulta e ainda trazia uma carta com os detalhes que havíamos conversado por telefone.

Comunicou-me que iria fechar o consultório ao redor de 1980, no mesmo dia fui à sua residência e o convidei para atender suas pacientes no meu consultório, em uma sala ao lado da minha. Ele aceitou e per-

manecemos juntos no consultório por mais 10 anos. Nesta época, o nosso relacionamento já era de amigos e confidentes. Eu seguia os seus conselhos profissionais, empresariais e sempre me dizia que eu deveria ter algum rendimento financeiro além da medicina, já que o médico tem tempo limitado para trabalhar.

Eu procurava me “espelhar” em suas condutas como médico, empresário e chefe de família. Ele continuava a me auxiliar nas cirurgias que geralmente começavam às 7 horas, além dos partos obstétricos a qualquer hora. Ao redor das 6h30, eu ia à sua casa para tomar um farto café da manhã, geralmente organizado com detalhes com uma farta mesa de doces e salgados, melhor que as atuais cafeterias da cidade de São Paulo.

Na década de 1990, ele me incentivava a comprar uma propriedade rural e dizia: *“Você tem que pensar no futuro porque a rentabilidade na medicina diminui com o passar dos anos. Adquira uma propriedade rural que suas possibilidades financeiras permitem, mesmo que seja distante, porque um dia o progresso vai chegar lá”*.

E assim fiz, fui procurar terras para comprar sempre com ele ao meu lado para me ajudar a selecionar a propriedade ideal. Viajamos muito no sertão do Estado do Mato Grosso, onde o futuro seria promissor e de terras de baixo preço. Eu não tinha experiên-

cia alguma na área rural. Seguindo a sua orientação, comprei a propriedade rural em 1994, hoje é a minha principal fonte de renda, portanto, compreendo a importância dos seus conselhos na minha vida.

Aos poucos, devido à idade e algumas doenças como o diabetes, hipertensão arterial e insuficiência renal levaram a algumas limitações pessoais e de locomoção. Ele ficava mais em casa, eu como fiel amigo e companheiro sempre estava ao seu lado, e o visitava quase diariamente.

Gostaria de citar um fato pitoresco em seu final de vida: um dia sua neta Carolina me telefonou dizendo que o Dr. Costa Neto não estava bem. Fui em sua casa imediatamente, ao chegar lá, encontrei-o com muita dor na região lombar, sudorese e respondendo pouco aos estímulos. Após examiná-lo e fazer o teste para verificar o nível da glicemia, fiz o diagnóstico de hipoglicemia e como sabia que ele gostava muito de chocolate, sugeri que a neta fosse até a padaria ao lado comprar um chocolate.

A este diálogo ele ouviu, entendeu e reagiu imediatamente dizendo que não precisava ir à padaria comprar, pois tinha chocolate no quarto. Mostrou o lugar, que era uma gaveta, e disse que a chave estava em outra gaveta ao lado. Abri a gaveta, ofereci o chocolate e em poucos minutos ele melhorou e voltou ao normal. Diante de infinitas memórias, procurei

descrever neste trecho o cidadão, digno, líder nato, perfeccionista, excelente profissional e um dos amigos mais importantes que durante esse período, pude conviver e participar intensamente de sua vida particular, o que me deixou muito honrado e grato a Deus, por esse privilégio.

Desta forma, reitero aqui minhas palavras ditas, Dr. Costa Neto é exemplo a ser seguido por nós. Feliz sou eu que convivi e participei intensamente de sua vida particular e profissional.

José Renato Sampaio Tosello, médico,
Ginecologista e amigo do Dr. Costa Neto

Referências

Entrevistados

América Costa Sandoval, entrevistas realizadas nos dias 1 de março, 28 de junho e 28 de agosto de 2019, em Presidente Prudente.

Antônio Alves de Lima, entrevista realizada no dia 15 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Antônio Renato Prata, entrevista realizada no dia 22 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Beatriz Marques Costa Pereira, entrevista realizada no dia 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Cândia Álvares Calvo, entrevista realizada no dia 7 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, entrevista reali-

zada no dia 8 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Ênio Luiz Tenório Perrone, entrevista realizada no dia 26 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Eudoxia Maria Santiago Leite, entrevista realizada no dia 14 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Gabriel Costa Binote, entrevista realizada no dia 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Gabriela Zoccolaro Costa Bertocco, entrevista realizada no dia 13 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Henrique Salvador, entrevista realizada no dia 25 de março de 2019, em Presidente Prudente.

João Luiz Carneiro Costa, entrevistas realizadas nos dias 12 de março e 14 de setembro de 2019, em Presidente Prudente.

José Renato Sampaio Tosello, entrevista realizada no dia 11 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Marcelo Zoccolaro Costa, entrevista realizada no dia 20 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Mariana Costa Binote, entrevista realizada no dia 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Marina Elizabeth Carneiro Costa Binote, entrevistas realizadas nos dias 29 de março e 3 de setembro de 2019, em Presidente Prudente.

Mario Luiz Carneiro Costa, entrevistas realizadas nos dias 4 de março e 27 de agosto de 2019, em Presidente Prudente.

Otávio Luiz Carneiro Costa, entrevistas realizadas nos dias 12 de março e 6 de setembro, em Presidente Prudente.

Paulo Constantino, entrevista realizada no dia 19 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Shemara Iamada, entrevista realizada no dia 22 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Sigeyuki Ishii, entrevista realizada no dia 20 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Documentos

CEZÁRIO, FLÁVIO. Sessão Solene: Dr. Gabriel Costa Neto. Palestra, Presidente Prudente – SP (9 ago. 1996).

COLAÇÃO DE GRAU na escola paulista de medicina. A Gazeta, São Paulo – SP, 19 de dez. 1947, caderno não identificado, p. 8.

COSTA NETO, G. Depoimento gravado pela neta [2008]. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo. Presidente Prudente – SP, sem data, 2008. Fita.

DR. COSTA NETO e suas paixões: medicina e pecuária. Jornal Doutor, Presidente Prudente – SP, fev. 2005, CADERNO Perfil, p. 3.

PECUARISTAS DA REGIÃO abrem a porteira para troca de experiências. O Imparcial, Presidente Prudente – SP, mar. 2001, CADERNO Economia, sem página.

Livros e pesquisas

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO,

Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: Storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. Revista Comunicação Midiática, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JORGE, Thaís de Mendonça. Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

MCSILL, James. 5 Lições de Storytelling fatos, ficção e fantasia. São Paulo: DVS Editora, 2015.

MCSILL, James. 5 Lições de Storytelling o best-seller. São Paulo: DVS Editora, 2017.

XAVIER, Adilson. Storytelling: Histórias que deixam marcas. 6. ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2018.

Sobre as autoras

Bianca Pereira

Bianca Pereira tem 21 anos e nasceu em São Bernardo do Campo (SP). Sua paixão por livros e revistas a fez cursar Jornalismo na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Durante este tempo a aluna teve oportunidade de estagiar como redatora na Salvatore Cosméticos, no Portal Facopp e na Agência Ativa Resultados. Tudo isso contribuiu para que a estudante colocasse em prática seus conhecimentos e, assim, adquirir experiência para escrever seu primeiro livro-reportagem.

Caroline Luz

Caroline Luz tem 21 anos e nasceu em Presidente Prudente (SP). Apaixonada pelas palavras, decidiu cursar Jornalismo na Faculdade de Comunicação So-

cial de Presidente Prudente (Facopp) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Durante o período, teve a oportunidade de estagiar na PCI Concursos, como redatora, e, posteriormente, na TV Band Paulista, como social media e produtora. Com experiência ainda em Marketing Digital, área que atua atualmente, este é seu primeiro livro-reportagem.

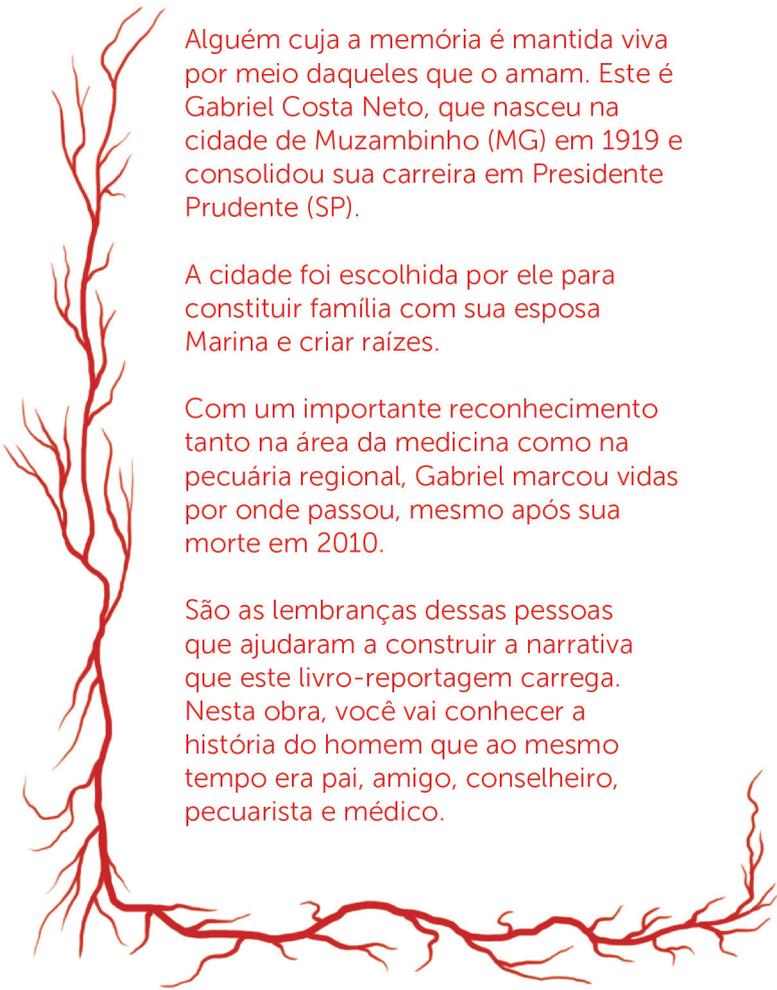
Janaína Tavares

Janaína Tavares tem 22 anos e nasceu em Lucélia (SP). Seus primeiros passos no Jornalismo começaram cedo, logo no início do curso na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Durante os quatro anos de estudos na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), a aluna teve a oportunidade de trabalhar em diversos veículos de comunicação da cidade como, por exemplo: O Imparcial, TV Fronteira, Movimento Mariana Braga, entre outros. Além disso, atualmente trabalha na área de redação na empresa Foregon, sendo que este é seu primeiro livro-reportagem.

Sandra Prata

Sandra Cristina Leite Prata nasceu em Oriente-SP. Jornalista, conheceu a profissão por meio da pai-

xão pela a escrita. Começou a graduação na Unoeste (Universidade do Oeste Paulista) e viu no texto seu grande amor, o de contar histórias através das palavras. Assim, no sexto termo da formação, se uniu com outras três estudantes que possuíam dos mesmos anseios, tornar vivo um livro-reportagem como peça prática do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). O resultado, aqui está, o Veias Que Pulsam.



Alguém cuja a memória é mantida viva por meio daqueles que o amam. Este é Gabriel Costa Neto, que nasceu na cidade de Muzambinho (MG) em 1919 e consolidou sua carreira em Presidente Prudente (SP).

A cidade foi escolhida por ele para constituir família com sua esposa Marina e criar raízes.

Com um importante reconhecimento tanto na área da medicina como na pecuária regional, Gabriel marcou vidas por onde passou, mesmo após sua morte em 2010.

São as lembranças dessas pessoas que ajudaram a construir a narrativa que este livro-reportagem carrega. Nesta obra, você vai conhecer a história do homem que ao mesmo tempo era pai, amigo, conselheiro, pecuarista e médico.



FACOPP

Unoeste

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-9492-057-7



9 788594 920577